ILUSTRAÇÃO



1." ANO - Número 15

Lisboa. 1 de Agosto de 1926

PRECO 4500



"De Reszke" Cigarettes

A VENDA EM TODAS AS MELHORES TABACARIAS

Depositarios gerais para Portugal: H. MITCHELL Lda — LISBOA

Depositarios para o Norte de Portugal: McCRORIE & COUTO Lda — PORTO



Podereis usar durante meses

sem as concertar, as peugas americanas

INTERWOVEN

porque as biqueiras e os calcanhares, sitios onde assentam os pés, são feitos de um "tricot" especial entretecido, cuja solidez é garantida ao uso.

V. Ex. asará assim por um preço módico peugas finas e transparentes que os vossos amigos admirarão com inveja e que a vossa esposa ou criada apreciará, pois que lhes não será necessário perder um tempo precioso em concertá-las. Adoptai imediatamente a

Peuga INTERWOVEN

em algodão, lã e seda. À venda em tôdas as boas camisarias. — Agentes para revenda:

A. VINCENT, LIMITADA

RUA IVENS, 56, 2.° - LISBOA - Telefone: Central 1858



Para não esquecer estas férias leve um "Kodak"

As vossas belas fotografias "Kodak" illustrarão, para os vossos amigos, a historia das vossas férias de 1926, permitindo-vos o encontrar, em cada uma dessas pequenas fotografias, interessantes detalhes e incidentes que decerto a vossa memoria seria incapás de reter.

Para escolher o vosso "Kodak".

Em qualquer boa casa de artigos fotográficos encontrareis sempre um entusiasta do sistema "Kodak" que vos auxiliará na escolba do modelo de "Kodak" que mais vos convirá, e vos ensinará o seu manejo.

Não deixe para o firm a compra do vosso "Kodak". Poucos momentos bastam para aprender o manejo dum "Kodak".

Kodak Limited, 33, Rua Garrett. Lisboa.

FILUDINE

combate a febre palustre

Colicas hepaticas Cirroses Ictericia Dyspepsia gastro-intestinal

Preparado nos Laboratorios do Urodonal e apresentando as mesmas garantias scien-tificas.

Monografia do D' LEGBAND Medico Principal da Marinha, Laureado da Academia de Medicina 19 de Março de 1912

O hematosoario, agente do impaludismo, é introduzido no sangue por um mosquito: o anophelis. A sciencia achou um remedio a Filudine específico verdadeiro do impaludismo não toxico e musito energico e cujo uso permite combater victoriosamente exse flagello que dizima as nossas colonias.

Restaura a celula hepatica supre a insuficiencia das secreções glandulares

Todos que teem uma doença do figado eu do baço, todos os diabeticos, todos os antigos coloniaes atacados pelas febres devem recorer à FILUDINE

15 Grands Prix

Établissements Chatelain

Forneceaores dos hospitaes de Paris 2, rue de Valenciennes, Paris

SINUBÉRASE

fermentos lacticos contra Enterite - Dyspepsia - Furunculose.

A. VINCENT, LDA CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL E COLONIAS - RUA IVENS, 56-TEL. 1858 C





--- GARANTIDA ---

Venda exclusiva AUPRINTEMPS. R. Ivens 56. LIBOA

Numerosas medalhas nas exposições CONCESSIONARIOS: A. VINCENT, LIMITADA Rua Ivens, 56-LISBOA-Telefone C. 1858

venda em todas as farmacias

CONTRA OS MOSQUITOS

Drogarias, QUERY'S Antimoustique NICE

periumarias,

COMPOSIÇÃO E MIPRESSÃO

TIP. DA EMPRÊSA

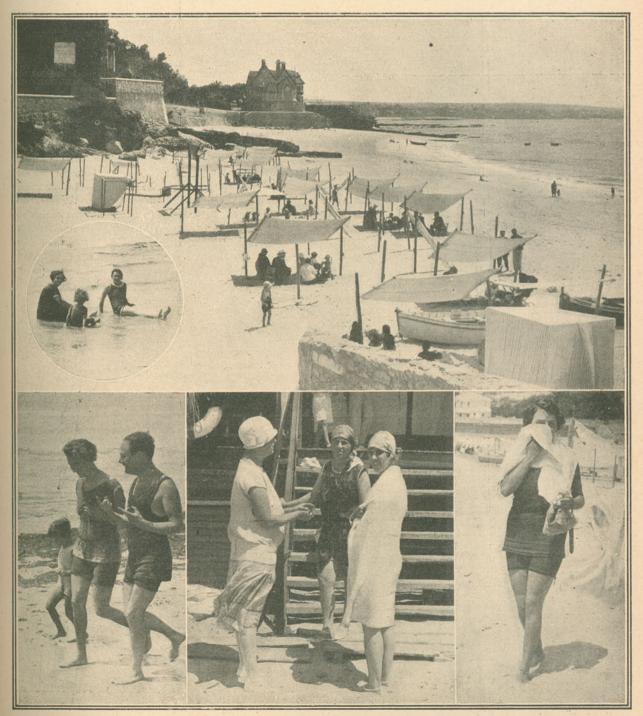
ILUSTRAÇÃO AILLAUD, L. DA R. Anchieta, 25—Liston

AND I."-NUMERO 15

DIRECTOR: JOÃO DA CUNHA DE ECA PUBLICAÇÃO QUINZENAL

A GUERRA AO CALOR, NA NOSSA CÔTE D'AZUR

O ACAMPAMENTO BALNEAR NA PRAIA DE CASCAIS



CRÓNICA DA QUINZENA

crónica da quinzena que findou não tem que registar nenhum golpe de Estado — e o cronista grava já aqui o facto não só por intuitivas razões de patriotismo, mas ainda porque nem só com golpes de Estado se fazem crónicas.

A coesão militar, que durante o efémero e verboso consulado do sr. Gomes da Costa se afigurara mais como metáfora oratória do General do que, propriamente, como realidade objectiva, parece agora definitivamente estabelecida em redor do Govêrno a que preside com todo o seu prestigio militar e aprumo elegante o sr. General Fragoso Carmona. E se não fôra o boato, com que a imaginação pública inocentemente se desforra das dilacerações que o lapis azul da censura abre nos jornais, cortando informações que êles bem desejariam fôssem verídicas - de mistura com verdades que infelizmente pertencem à categoria das que se não podem dizer-a situação governamental deveria considerar-se absolutamente alicerçada na confiança geral, abrangendo nesta generalidade, como é obvio, todas as pessoas para quem reflectir é fechar os olhos e não pensar em cousa ne-

Os partidos, arguidos de não se terem poupado a esforços para comprometer o país e não sei mesmo se de tentar modificar acintosamente a sua posição geográfica, continuaram a emitir notas oficiosas em termos que a Posteridade ha-de apontar, um dia, estou certo disso, como modelos lapidares de conciliação da dignidade ofendida com a prudência - que a ninguém ofende. Por sua vez, a imprensa, desejosa de evitar à censura intervenções cirúrgicas que ela não deixaria de praticar sem doloroso constrangimento, - e porque, sendo ela de Prata... Dias, não resta dúvida que, conforme já o dizta S. João Crisóstomo, o sılêncio è de oiro - manteve-se também numa atitude que lustra a sua sabedoria. E se não fôssem os remoques ácidos, quási acrimoniosos pela insistência, com que certo jornal alfinetou o sr. Ministro da Justiça, poderia asseverar-se que, duma maneira geral, os jornais se publicaram não só para não perderem o direito a que os consideremos cotidianos, mas, sobretudo, para testemunharem que a ditadura militar, que tantos apontavam com terror, não constrange, afinal, se não os que subjectivamente se comprazem em se reputar coarctados nos seus direitos inauferiveis.

Onde os ataques?
As recriminações?
As apóstrofes?

Os gritos?

Nada!

Tudo deslizou, durante a quinzena, numa

calma perfeita. Não ocorreu atentado ou desastre que pusesse em vibração a susceptivel emotividade das massas. O Carvalho Araujo, tendo feito uma viagem excelente, chegou sem novidade a Angra do Heroismo, onde o desembarque do sr. Gomes da Costa se efectuou com muito povo a querer ver o novo hospede histórico da ilha e uma fôrça do 25, em obediencia às instruções do Govêrno, a fazer ao general a guarda de honra da pragmatica. A nova troupe de atletas, posta pelo meu amigo Ricardo Covões a exibir combatés de luta greco-romana na pista do Coliseu, continuou a chamar todas as noites às antigas Portas de Santo Antão um populacho irrequieto, apaixonado e ruidoso que se compraz em gritar - olha a perna! - sempre que está em funções um lutador da sua antipatia e, desforrando-se assim de amargos logros, volta as costas aos emprezários de revoluções, cada vez mais embaraçados com falta de braços - cabeças dispensaram-nas sempre - para a montagem dos seus espectáculos.

Ou porque a sua capacidade de indignação se tivesse exgotado na verberação incandescida dos desmandos administrativos dos últimos governos constitucionais, ou porque, na realidade, o poder está realizando o milagre inefável de satisfazer pelas normas austeras da sua conduta as exigências imperterritas dos espíritos severos, o que é um facto é que o sr. Alberto Xavier, que depusera a pena fulgurante quando o sr. General Gomes da Costa se pôs a brandir a sua espada - desafiando um adversário que se obstinou em não sair a terreiro como nas anacrónicas coroações dos monarcas, em Inglaterra - não retomou ainda para a faiscante certeza dos botes kirchofferescos a sua pena aguçada nas controvérsias e nos debates que fizeram de S. Ex.*, nas colunas da sua gazeta, o pavor livido dos ventripotentes irrefragáveis.

Ora a opinião pública, que os desdenhosos acoimam volta e meia de simplista e não raro atesta um clarividente bom-senso, vendo emudecido o paladino indefectivel dos princípios, concluíu de si para si:

— Êle que não diz nada é porque não há ponta por onde se lhes pegue. Nesse caso, toca a repousar na tranquilidade!

E assim, ao ter de tracejar o balanço da quinzena que acabou, o cronista não pode honestamente deixar de frisar que apesar do boato ter continuado a fazer o seu giro caprichoso e malévolo, o país, e principalmente Lisboa, não sofreram abalo na sua serenidade, apenas ligeiramente alterada—não pela nova emissão de notas do Banco de Portugal, que essa, sendo fiduciária, nada mais é do que a contra-partida da das notas oficiosas dos partidos—mas pela galante desenvoltura com que

algumas raparigas do Bataclan, replicando ao Cache; ça dos seus cartazes, apareceram na Baixa—revelando tudo.

O pudor citadino revoltou-se. Houve apupos. Houve doéstos. Houve mesmo, ao que parece, e se mo permitem, uma tal ou qual brutalidade. Mas tudo isso se compreende e constitui, afinal, o indice de que a moralidade em Portugal, depois do 28 de Maio, — que, como se sabe, desabrochou em Braga — nem por isso passou a ser — como já para ai se insinuava com velhacaria abominàvelmente jesuítica — a do famoso sapateiro.

Não!

Uma certa brutalidade, desde que seja em socorro da virtude ultrajada, é legítima e até nobre. Honra, pois, aos virtuosos brutamontes que, em plena cidade, souberam fazer cair sôbre as transparências desavergonhadas das coristas do Bataclan—e com o mesmo rigor sôbre duas damas que piedosamente andavam vendendo medalhinhas a favor das missões religiosas—a severidade implacável do seu anátema!

Friné, se se despisse em Lisboa, não teria outro remédio senão fugir, sob pena dum geral—dum clamoroso protesto.

Nesta altura do século, pejada de taximetros, admirável de elegância, febricitante de vida espiritual, Lisboa é assim virtuosa.

Veneranda matrona, eu te saúdo!

BOURBON E MENESES.

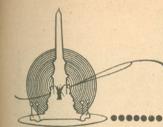
ARTE BRASILEIRA

A par das obras dos maiores artistas da nossa terra, a llustração não prescinde de dar também a conhecer aos seus leitores as dalgumas das mais representativas figuras da arte estrangeira. Mas, como é óbvio, entre elas têm preferência as dos artistas brasileiros, na verdade ainda tão deficientemente conhecidos entre nós.

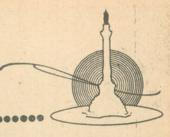
A Pedro Américo, patriarca da pintura brasileira contemporânea, cabe o primeiro lugar na galeria, visto que a sua fama não se deteve nas fronteiras da sua pátria, repercutindo-se muito mais longe, sobretudo quando expôs a grande tela A batalha de Avahy, elogiada por críticos de tôdas as nacionalidades.

Fora do gênero histórico, seu predilecto, o quadro que reproduz mos é, sem dúvida, um dos mais belos que a sua paleta criou. Pertença do genro do insigne artista, sr. dr. Cardoso d'Oliveira, ilustre Embaixador do Brasil junto do nosso govêrno, essa obra inspirou a Júlio Dantas estas palavras: sunnca o talento de Pedro Américo subiu mais álto do que nesse quadro tão humano e tão simples, em que a anedota é uma variante das muitas «Lentações» que enchem a pintura de tôdas as épocas e de tôdas as escolas, desde Lippo Florentino até Moreau, mas em que o pintor nos aparece senhor de si mesmo, na plena posse de todos os seus admiráves recursos».

A *Ilustração* não publica senão os originais solicitados.



LISBOA

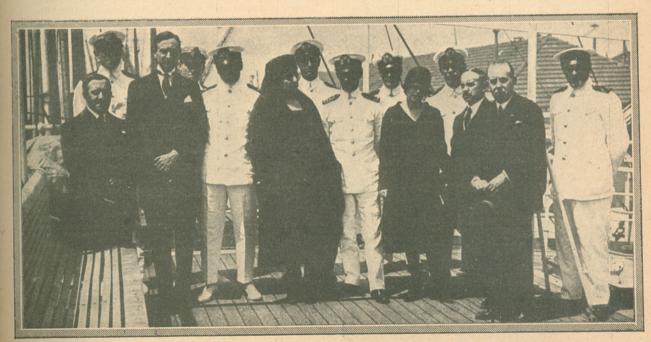




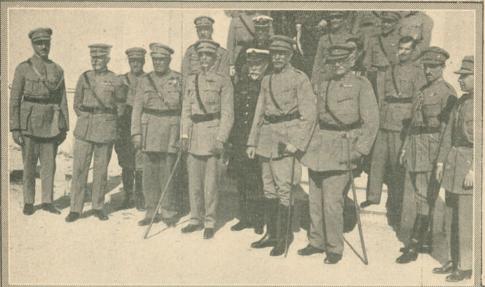


Aspecto do banquete promovido pela colonia francesa no café «Montanha», comemorando a sua festa nacional do 14 de Julho

O novo Ministro da China em Portugal, saindo do Palácio de Belém, onde foi apresentar as credenciais ao Presidente do Govêrno, sr. Geñeral Fragoso Carmona



Na cerimónia da trasladação dos restos mortais do sr. D. Baldomero Garcia Sagastume, Ministro da República Argentina o m Lisboa, para bordo do transporte «Pampa»: a viuva e a filha do ilustre diplomata acompanhadas dos representantes consulares do seu país e do Urugua: e de diversos oficiais da guarnição do barco



NA ESCOLA MILITAR

O general-Fragoso Carmona, (acompanhado de vários comandantes das unidades de Lisboa e outros oficiais, à saída do ginásio, depois de presidir à distribuição dos prémios aos vencedores do concurso militar de esgrima e bem assim aos alunos do mesmo estabelecimento melhor classificados na época escolar finda. Esta festa constituiu uma interessante manifestação desportiva e serviu para confirmar alto valor dos esgrimistas militares portugueses



A barraca de kermesse que funciona nas festas que se estão realizando no jardim da Escola Oficial n.º 20 e cuja receita reverte a favor da Cantina Escolar e do Lactário da freguesía de S. José

Grupo das crianças protegidas pela Assistência Infantil de Santa Isabel, que ultimamente promoveu uma feira franca destinada a angariar fundos para a obra benemerente a que aquela instituição se dedica



Os que protestam contra a suspensão do negócio das «senhas progressivas», no dia do julgamento de dois dos seus promotores, prêsos por desacatarem a ordem das autoridades para essa suspensão. Na frente do grupo, em que o elemento feminino marca maioria, vê-se uma garrida corbeille, oferecida pelos manifestantes ao advegade dos aludidos empresários das senhas

S O C I E D A D E E L E G A N T E

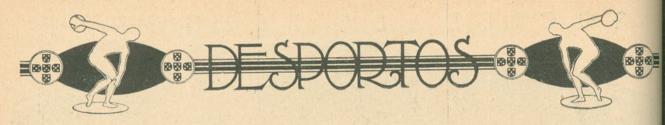


CASAMENTO ELEGANTE No palácio dos srs. Viscondes do Marco, á Junqueira, realizou-se no passado dia 17 o casamento de seu filho primogénito, dr. Duarte Nogueira Soares Cardoso com sua prima Ana Maria Burnay. Depois da cerimónia, efectuada em estreita intimidade, na linda capela



do palácio, dispersaram-se os convidados pelos admiráveis salões e jardins, onde entre os clássicos e ordenados arruamentos de buxo, as graciosastollettes de «Lanvin», «Drecoll», «Philipe et Gaston», etc., punham um contraste de moderno colorido. —
Grupos-onde se võem os noivos e alguns convidados, nos jardins do palácio

Grupo tirado após a cerimónia do casamento da sr.ª D. Maria Diana da Costa Araujo, filha da sr.ª D. Josefina da Costa Araujo e do sr. Benjamim José de Araujo, com o sr. Augusto Garcia Palmares, filho da sr.ª D. Conceição Garcia Palmares: os noivos no meio dalguns dos convidados





REMO

reputou-se êste ano o Cam-peonato de Portugal ao longo da muralha da Junqueira.

Apenas se apresentaram dois concorrentes, o Club Naval de Lis-boa e o Club Naval Setubalense, tendo o primeiro ganho a prova com bastante facilidade, tanto mais que o Naval Setubalense disistiu a breve trecho do per-

O C. N. L. ganhou assim pela 3.* vez o Campeonato de Portugal. A assistência a esta prova foi quasi nula.

A tripulação do Club Naval, vencedora do Campeonato de Portugal de Remo

WATTER-POLO

primeiro Porto-Lisboa terminou pelo triunfo da Capital por 8 goals a o. Foi uma bôa tarde de «sport» sobretudo como sessão de propa-

Foi uma bôa tarde de «sport» sobretudo como sessão de propaganda do vatter-polo. À luta que se travou entre os 2 grupos, presidiu sempre uma grande cordealidade e correcção de parte a parte.

Uma grande multidão assistiu ao desafio tendo recebido com entusiasmo os jogadores do Norte e tendo sabido animar os representantes da capital com a devida corecção.

O triunfo de Lisboa já era esperado, mas não tão nítido. Êste triunfo deve-se sobretudo ao maior dominio da bola dos jogadores de Lisboa.

O Porto resistiu valorosamente, lutando sempre com alma e energia, tendo porém fraquejado para o fim quando se começaram a sentir cançados. De todos os jodadores, o que mais se destacou foi Basilio, que esteve sempre em jôgo.

A seguir devemos destacar a linha avançada de Lisboa que realizou um bom trabalho, onde Bessone se destacou.

A defesa de Lisboa jogou bem as poucas vezes que entrou em jôgo.

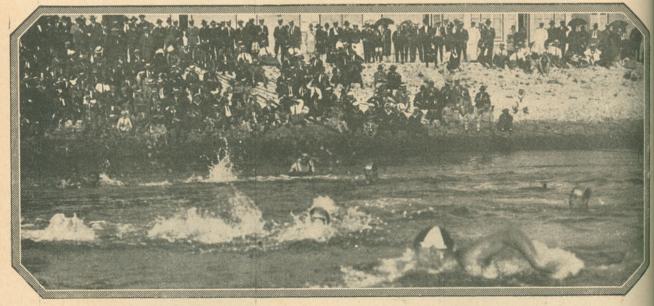
Do Porto saltentou-se Canto Moniz, tendo demonstrado grandes qualidades de nadador sobretudo.

dades de nadador sobretudo.

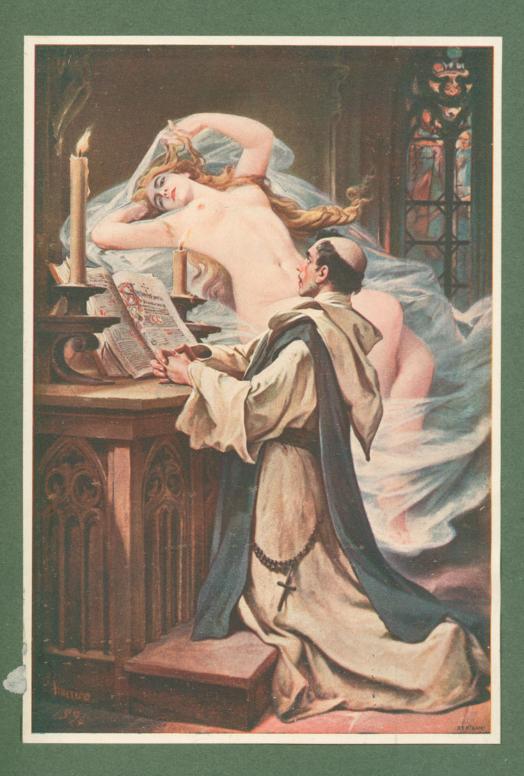
A arbitragem foi sõa e foi muito facilitada pela correcção com que todos os jogadores se portaram.



Grupo dos oficiais vencedores das provas, de esgrima disputadas êste ano na Escola Militar

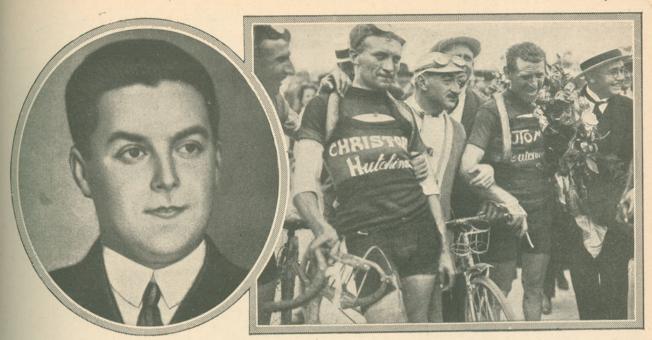


Uma fase do primeiro encontro Porto-Lisboa em sWatter-Polo-



PEDRO AMÉRICO —O Noviciado

Quadro pertencente ao Ex. 30 Sr. Dr. Gardoso de Oliveira, Embaixador do Brasil

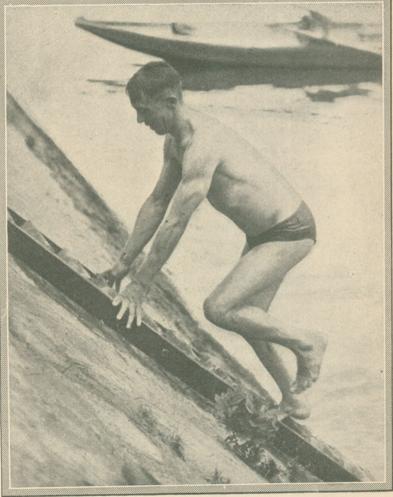


Um distinto sportsman: O malogrado capitão-aviador Duran, vitima dum desastre de aeroplano em Espanha

Volta à França em biciclete — à direita vencedor Lucien Buysse, à esquerda o belga Dossche vencedor da última ètape



O corredor francês Baraton, que bateu ultimamente o record do mundo dos 800 metros



A travessia de Paris a nado. — O belga Boone, 1.º classificado, momentos depois da chegada

1 L U S T R A ÇÃO



Aspecto da festa militar no Campo do Bessa, cujo produto reverteu para a Casa dos Filhos dos Soldados: o sr. dr. Alberto de Aguiar discursando na tribuna de houra, na presença dos srs. comandante da Divisão, Governador Civil e outras entidades

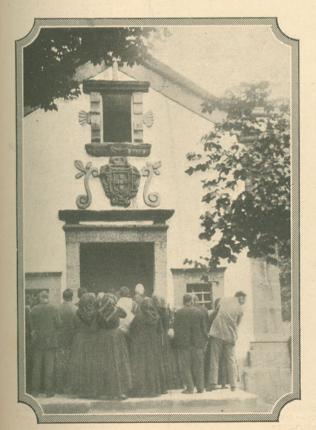


O desaño de box entre elementos da guarnição, que constituiu um dos curlosos números do mesmo festival

Grupo dos órfãos da Grande Guerra, a favor dos quais se efectuou a referida festa



Na visita de médicos e suas familias às Termas do Gerez, visita promovida, em defeza e propaganda destas aguas medicinais, pela Empresa que as explora: grupo de excursionistas no «banco do Ramalho», pitoresco lugar da magestosa serra



A liuda capelinha do Gerez trasbordando de fiéis





A audição musical das alunas da sr. ^a D. Margarida Duarte da Fonseca, no Salão do Centro Comercial; *em cima*: um grupo de discipulas vendo-se ao centro a distinta professora; *em baixo*: uma parte da assistência à brilhante festa

O PORTUGAL QUE PROGRIDE



sr. Ministro da Agricultura, no meio do par de colonos, que êle considera seus afilhados, à saida da moradia do referido Casal e rodeado dos di-

versos elementos oficiais que cooperaram nessa iniciativa e mais convidados que assistiram ao acto

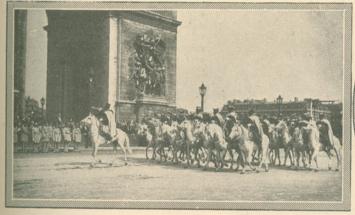
O Estado, através da acção dos organismos competentes e afectos ao Ministério da Agricultura, procura intensificar o aproveitamento dos baldios. Para isso estabeleceu agora, em charnecas dos arredores de Leiria, um ensáio de colonização agricola, constituído por três casais. O acto da sua entrega aos colonos foi efectuado com certo cerimonial, tendo ido presidir a êle o sr. general

O sr. Presidente do Ministério e outros membros do Govêrno, com muitos jornalistas e mais convidados, que foram assistir à inauguração das novas instalações do Palace-Hotel da Curia, novo e importante empreendimento do grande industrial hoteleiro sr. Alexandre de Almeida. Trata-se de um edificio sumptuoso, moderno, cheio de confortos, enfim, um hotel apto a acore lher os hóspedes mais exigentes

ESTRANGEIRO



Paris. - A inauguração do monumento a Galiléni: as bandeiras formando em redor da estátua



Paris. - A visita do Soberano de Marrocos: o desfile das tropas mouras



Aspecto da recepção do mesmo chefe de Estado no Ministério dos Negócios Estrangeiros

Primo de Rivera em Paris. — No Qual d'Orsay, sentado no meio de Mr. Briand e do general Pétain, quando ida assinatura do tratado entre a França e a Espanha. No medalhão: O Presidente do Directório espanhol conversando com Mr. Briand, por ocasião das revista militar efectuada em sua honra



O poeta Camilo Pessanha Um dos seus últimos retratos

AMILO Pessanha, o poeta bizarro e singular da Clepsydra, e o tradutor, com José Jorge, do Kuoh Man Kau Fo Shü, toxicomano que se finou há pouco em Macau, ofereceu em 1915 ao Museu de Arte Antiga uma valiósa colecção de arte chinesa composta de 100 peças e compreendendo exemplares de pintura e caligrafia, bordados, brocados, indumentária, joalharia, cloisonné, champlevé, bronze, bronze com incrus-

A COLECCÃO DE ARTE CHINESA DO POETA CAMILO PESSANHA



Um curioso exemplar do simbolismo oriental

tações, escultura em madeira e marfim, unicórnio, pedras duras e vidro, embutidos em madeira, charão e cerâmica. É uma colecção de um certo valor, tendo algumas peças preciosas, que se encontra depositada no Museu a que foi oferecida e não tendo sido até hoje exposta, não sendo portanto conhecida de profanos. a quem hoje, por nosso intermédio, pela primeira vez se revela. Beleza e Arte que não se patenteia é parcela que não conta no inventário do mundo, instrumento que a civilização não recenseia. Pensando assim, o dr. Alfredo Guisado, após várias interpelações nas Câmaras, pensou em conseguir do Município um local onde a colecção, por deslocada no nosso Museu de Arte Antiga, pudesse luzir com tôda a sua magnificência. Mas a colecção, que ficaria bem no museu da

Sociedade de Geografia, foi por testamento doada ao Museu Machado de Castro de Coimbra, com outras peças que após a morte do seu possuidor se lhe vieram reunir. Felizmente que um destino se lhe assegurou e bem está aos cuidados de Mestre António Augusto Gonçalves, amoroso erudito que tem pelas peças do Museu que criou a ternura que os artistas teem pelo sonho que os alimenta e as mães pelos filhos que geraram.

A colecção é valiosa e bem merece ser exposta. A cerâmica contém pratos, um da dinastia Sung, outro da Ming, Sün-Tac, outro de Seng-Fa, dinastia Ming, algumas estatuetas brancas e policrómicas, boiões, jarras, frascos, um perfumador e um disco, montado em tamarindo; a pintura e caligrafia tém vários exemplares das dinastias Sung, Un, Ming, Cheng, cavaleiros, animais, crianças, bufarinheiros, aves e flores, e inscrições, não destituidas de interêsse. Em indumentária, bordados e joalharia, há um estandarte, frontais de altar, cabaias antigas da côrte em sêda cara, saias bordadas, colares, sapatos e alfinetes de cabelo. Em bronze figuram um par de tambores da dinastia Hon, um vaso litúrgico da dinastia Ming, uma sineta montada em madeira da dinastia Tong, perfumadores, um leão de Fó e uma estatueta - o imortal Chéong - K'ó-Lou sôbre um jumento, obra de arte já do século xix. A isto se pode adicionar uma jarra de bronze japonesa, com incrustações de prata do século xviii, um vaso champlevé da dinastia Ming e um vaso litúrgico, cloisonné, da mesma época.

A escultura em vária matéria, com excepção da fainça e do bronze, está também representada. Há o imortal Cheong-Li em madeira, uma taça de unicórnio, dragões em marfim e jarrinhas em âmbar. Pedras duras e vidro, poderemos ver frascos de cristal, um sapo de jada, uma fivela para cinto, representando o tradicional dragão, macacos, aves, peixes, frutos, plantas, numa escolha que não é para desprezar.

Embutidos em madeira e charão, temos uma mesa com incrustações de madrepêrola, caixas. frascos e uma placa de charão vermelho com o licorne e pavões.

É, resumindo, um núcleo de objectos que constituiră a base de uma sala de arte oriental entre nos, fonte de estudos interessantes que ainda se não aclimataram no nosso solo, motivos de peregrinação de beleza exótica que será mais um ponto curioso a prender a atenção das gentes, desviando-as da soma fantástica de tentações grosseiras que em cada rua se embuscam para tornar o homem cada vez mais longe



Algumas das peças cerámicas que constituem a colecção do poeta



e desvairadas gentes, Coimbra era o claustro de estudo, e a sua influência, tórpida e lenta, pesava, como não podia deixar de ser, na vida e na sociedade portuguesa. Essa lembrança que lhe veio agora da longinqua China, por intermédio de um poeta bizarro e singular, é uma satidade e é um protesto de gratidão. Mestre Gonçalves agora vai delirar de prazer.

Dirá que não é um especializado, que os não há entre nós, naquela arte, fruto de uma civilização exótica, mas, alma sensivel a tôda a beleza, em tela pintada, ou pedra lavrada, em talha ou em louça frágil, em oiro ou em ferro, em vidro ou em papel impresso, em sêda ou em marfim, êle fará com que ela resplandeça e brilhe, com que ela se mostre em pleno explendor. Então a pequena sala oriental, a sala Camilo Pessanha, não será das menores curiosidades do museu de que Coimbra hoje legitimamente se orgulha, e convenientemente resguardada e etiquetada, ela fica livre de se consumir e dispersar na voragem do tempo. Já o museu coimbrão possui uma colecção de cerâmica que não é das pio-





Animais e paisagens chinesas

Panos hord idos de biombo

da Arte e da Beleza que deve ser a perpetua morada do espirito.

Tem Paris o seu Museu oriental. Lisboa esqueceu há muito que do seu Tejo sairam as armadas que conquistaram, descobriram, poêsse oriente longinquo. Nós não temos, tendo tão bela cerâmica, um museu da especialidade onde se agrupassem, a par das fábricas velhas nacionais, a porcelana da Índia e os serviços da China que os nossos maiores lá fôram buscar e ainda há espalhados por casas senhoriais. Nós não temos,

por incúria da Câmara Municipal, um museu da cidade, um museu no gênero do parisiense Carnavalet, e onde tanta cousa bela e curiosa se poderia reunir. Nós não temos muita cousa, não porque não possamos ter mas por inércia. É a mândria, a lazeira nacional tornada epidemia, tornada calamidade. E até quando, santo

Em Coímbra, no Museu Machado, a colecção Camilo Pessanha ficará maravilhosamente instalada, porque tôda Coimbra é um grande museu, uma cidade tradicional, erudita e respeitosa, que bem quere ao seu património e que vulgariza pelas sucessivas camadas de escolares que por ela passam a beleza das coisas que encerra. A Índia nada tem com Coimbra? Tem. La estudou o Trinca-fortes, êsse Camões gênio da Raça, e lá secretamente se preparavam os matemáticos e técnicos de cálculos que abriam depois na côrte o impulso scientifico das descobertas. Se Lisboa era a terra das muitas viu para o Museu de Arte Antiga? Bem

res que entre nos se reuniram. Vinda tôda, ou quási tôda, das colecções Teixeira de Carvalho, a sala onde ela se reúne, merece um catálogo particular, que muito elucidativo seria para a história da cerâmica em Portugal. Agora esta parte cerâmica Camilo Pessanha completa a parte lusitana dando ao museu relêvo especial Bem haja o poeta amigo das artes, que perdido a muitos milhares de léguas de mundo, despaïsado já nos usos e costumes da sua infância, à hora da morte se lembrou da sua terra. Acredito piamente que esta doação será um início, um estímulo, um incentivo à doação particular tão em uso na América do Norte. Então não será uma maneira de perpetuar o nome, qualquer coleccionador que tivesse horror a que o fruto de tantos anos de canseiras fôsse,

Sedas, damascos e louças, pinturas e bordados

de um leilão grosseiro e impiedoso? Vale, vale a pena patentear cousas belas e a colecção Camilo Pessanha não deve estar oculta nem mais uma hora. Não ser-

por sua morte, disperso aos quatro ventos

haja o Museu Machado de Castro que a aceitou. E ver-se-á que não há de faltar gente que a vá admirar. Beleza oculta não é beleza, é sombra.

E è Beleza que se não vê, nem sente, coartando-se-lhe assim o muito que ela pode influir nas Almas para tornar menos egoista a temerosa e indócilafera humana.

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO.



Uma linda mesa e algumas cousas dignas de museu

ARTES E ARTISTAS

«LISBOA VELHA»

E lá, no mundo dos impossíveis, combinassem melhor esta coisa dos nascimentos, Roque Gameiro, em vez de vir à luz em Minde, poderia, muito bem, ter nascido, para maior glória da sua arte e mais farto recheio das suas algibeiras, na Inglaterra da bruma e dos amadores.



Casa quinhentista da Rua dos Cegos

Não que lhe falte o entusiasmo do sol, a visão nitida das atmosferas desanuviadas, o quente coração de um latino! Sim, porque, para dar inteiro valor ao seu trabalho e aquilatá-lo como merece, seriam de preferir os temperamentos apreciadores do norte aos feitios, vulgarmente frivolos, e às bôlsas acriteriosas do sul, cuja indiferenca em matéria artistica é cada vez mais de bradar aos céus.

Na Grá-Bretanha, onde há o culto inteligente do lar de cada qual, e o brio cívico dêsse grande lar de todos, que é a cidade, uma obra como a que Roque Gameiro agora empreendeu, aliás com a devoção do oficio, patriarca rodeado de com merecido sucesso de venda, seria um acontecimento de perduráveis ecos.

A compita, os editores facilitar-lhe-iam tôdas as honras de uma edição rica, perfeita, impecável, destinada a atestar pelo tempo fora a graça sempre nova do que tem beleza e pitoresco.

Não esquecamos que a Inglaterra é a pátria de Scott e de Dickens, o primeiro dos quais, evocador consumado, escreveu O Antiquário. Ora a Lisboa velha, de Roque Gameiro, mestre em velharias, sendo uma magnifica compendiação dos aspectos obsoletos da capital, é um álbum admirável da sua antiquaridade.

Quando, hoje, tanto se fala em Urbanismo,

e higienização das cidades nascentes ou trans- para pintar a garrida velhota dos seus amores, formadas, justo se torna que, em paralelo, se erga e reforce, para fixar e proteger o que foi, a Arqueologia citadina.

Por mais modernas que o progresso as faça, deve haver, nas urbes orgulhosas do seu passado, lugar para museus, ou inteiros bairros, destinados a mostrar o que elas foram e de onde vie-

A iconoclastia passou de moda, entre civilizados. O homem moderno, gostando de inovar, deve saber conservar, prezando o valor do tempo, aliado fiel do humano esfôrço.

Organizando, com apaixonado carinho, a Lisboa velha, que editou por sua conta e risco, o mestre aguarelista da Venteira, barbi-ruivo e glorioso, deu aos devotos dos encantos arcaicos e dos scenários por vezes inverosimeis da



Roque Gameiro

metrópole alfacinha um scintilante repositório, ou manual eloquente, de uma grande parte dos seus melhores recantos e perspectivas.

Artista de esmiuçadora atenção, pintor de técnica expressiva, ilustrador de raça, trabalhador pinceis, tronco de artistas, Roque Gameiro, fundador de uma escola, reunindo em volume mais de uma centena de vistas, quadros e assuntos da Lisboa panorâmica, da Lisboa vetusta, da Lisboa fadista, da Lisboa sobe-e-desce, veio contribuir para a educação do olhar dos lisboetas. Lisboa velha è todo um breviário de amorosas impressões, de sugestões agradáveis, ditadas por certas feições e pela curiosa maneira de ser da cidade que Ulisses não fundou, da cidade sem mármore e sem granito, arraial buliçoso de varinas, meliantes, bichanos e contos do vigário.

Foi arte o que Roque Gameiro quis fazer, não

que são os métodos de renôvo, abrilhantamento documento arqueológico e esmiucador. Nunca, o forte aguarelista deixou a alma em casa, ou pôs os óculos impassiveis de um Topsius. O enlêvo do colorista transparece em qualquer das suas estampas, onde não se limita a apontar a arquitectura tortuosa, remendada, do bêco, da encruzilhada, da escadaria, da calçada, do largo. da viela, do arco ou do boqueirão, mas quási sempre os enfeita, -e até, uma vez ou outra, sobrecarrega! - com as figuras dos seus mas tipicos moradores, com o estendal da roupa a secar, com algumas atitudes retintamente locais, como o «Venha abaixo!» das peixeiras, ou o vasar dos restos de comida para os gatos. Ali è o fado plangente. Aqui, o varredor com a carrocinha. São, além, os burros da hortalica, os saloios do arrabalde, as marafonas de Alfama, os aguadeiros nos chafarizes, leiteiras, petizada, policias, mulheres da fruta - a Lisboa plebeia do ar livre e do palavrão!

Roque Gameiro - nem o deveria ser! - não è um aristocrata. Gosta do povo como modêlo, ama a rua, pelo menos como terna. Para fazer a obra que êle pacientemente vem realizando há quarenta anos, não bastaria o seu talento de pintar. Impunha-se também um feitio especial, compatível com a multidão e a impertinência do populacho.



Bêco do Espirito Santo, ao Chafariz de Dentro

Um homem recolhido, bicho do seu buraco, não levaria a cabo a meritória tarefa, e a «Lisboa velha» ficaria sendo morta para o artista, que tanto a havia de valorizar, até em determinadas parcelas que a demolição já engoliu.

MANOEL DE SOUSA PINTO.



A CASA PORTUGUESA







PINTORESCO VALE, BASTO
ARVOREDO E BELAS SOMBRAS — CARACTERIZAM
ESTA ESPLÊNDIDA PROPRIEDADE DOS ARREDORES DE LISBOA. FUNDADA
NO SÉGULO XVIII, A CASA
FOI HÁ POUCOS ANOS REMODELADA E OFERCE
HOJE, A PAR DAS BELEZAS NATURAIS QUE DELA
SE DISFRUTAM, UM MÁXIMO DE CONFÔRTO A
SEUS MORADORES



Reminina

EM PLENA ESTAÇÃO

despeito dos franzidos, pregas, plissados, folhos, as mil e uma fantasias, enfim, que deveriam concorrer para tornar a silhueta ampla, a linha esguia, direita, modelada com delicada graça,



sem cruezas de contornos demasiadamente acusados, permanece em pleno sucesso. E, se escutarmos as previsões que nos chegam, arrancadas pela inconfidência profissional ao segrêdo que blinda os tabernáculos onde fervilha a actividade criadora da moda, inclinar-nos-emos à convicção de que no próximo inverno veremos ressurgir as combatidas mas sempre acarinhadas trava-

Mas deixemos para mais tarde as surprêsas que nos estão sendo preparadas para o próximo inverno, e

falemos da moda estival e da sua irmă gêmea, a que se destina ao outono.





Os modêlos que publicamos e que fôram fotografados nas estâncias de águas da França que a moda indicou como redutos da grande elegância parisiense, vêmos que as rendas e as mouselines, bem como os crepes estampados e degradés, são os elementos de chic por excelência.

As rendas Nunca como agora elas fôram profusamente emprega-

das, - talvez mesmo com um certo exagêro ... - Mas são tão lindas, leves, tentadoras, essas maravilhosas teias tecidas pelo capricho, que se perdôa o abuso que delas se está fazendo... De resto, não tarda que soprem os primeiros ventos frios do outono, e então... Despedir-nos--emos dêsses queridos recursos de elegância, que só volveremos a encontrar no ambiente suave e dis-





rrequieta insatisfação de imprevisto que tumultúa no seio da moda. E eis que nos prepara outra surprêsa... Que poderia ela imaginar de menos concebível para esta quadra de luz forte e temperaturas elevadas?... O veludo... E, pronto; eis o veludo proclamado como tecido ultra elegante para o verão... Vê-lo-emos, portanto, largamente empregado nos

tanto, largamente empregado nos chapéus, e compondo elegantes toilettes de casino.

É coerente, é racional, a ideia? Bem importa isso à eterna caprichosa! É, por ventura, mais admissível o emprêgo das peles nas toilettes de verão? E, todavia, vê-mo-las nos manteaux, nos vestidos, misturadas com as gazes e as rendas, tintas em tons inverosimeis, recortadas em extravagantes disposições...

Se o mot d'ordre da moda actual é: excentricidade, para que nos deteremos numa hesitação segredada pelo hábito da coerência?

É moda o veludo no verão! Depressa, corramos à modista a encomendar-lhe toilettes, chapéus de veludo...

- Mas... E no inverno?...

- Schut ... Os decretos da moda não se discutem!...

creto dos salões. A par da disposição dos degrades, — que quando não são já de si mesmos impressos nos tecidos, se obtêm pintando, em esbatido inteligente, numa toilette três ou quatro tons da escala duma mesma côr,—a nota característica das toilettes leves são os decoupés, ou recortes, que frequentemente rematam as orlas das sáias e das túnicas em linha irregular, acentuadamente assimétrica.



Outra novidade muito em voga, é a composição de vestidos e manteaux em vários tecidos incrustados formando caprichosos desenhos. É a ideia dos puzzle aplicada à toilette... Convém notar que só um sentimento artístico bem consciente e equilibrado, poderá abalançar-se a originalidades dêste género, para não se correr o risco de compor um costume de arlequim, em vez de uma toilette dernier... et savant cri...

Mas não pára nesta fantasia, a





O FREGOLI DAS CIDADES

NO ANO LISBOA 2.000

AGRO, duma magreza que lhe dava elas- dades da Europa. Esteve em Paris, esteve escaveirado, dum moreno lustroso de indio; olhos enormes rebolando, como rôlhas de bilhas, dentro das órbitas profundas; os dentes falsos, parecendo de louca, mastigando um charuto que nunca vi acender - fato escandalosamente claro; panamá flexível - assim conheci aquele ex-prefeito da capi- dentro do seu programa de fantasia, atraiu-o; tal da República X.

Espanhol e pele-vermelha, sem côr, o prefeito cidades. Durante trinta anos de vida política gastara o melhor dos seus nervos, da sua imaginação e do rendimento da sua fortuna inverosimil, desenhando cidades, recortando cidades, que disse... colando cidades - como as crianças recortam e colam sôbre o cartão as capitais-brinquedos de Épinal.

E quando já não lhe restava, no seu país, população para novas cidades, nem inovação para introduzir nas já construídas - o prefeito, faquir das ruas e dos jardins, prestidigitador de Avenidas e de palácios, veiu até à Europa. E atravessando o velho continente, lá foi de capital em capital, sonhando com as transforma-

ções, os recortes, os monumentos, as fantasias que imporia se fôssem suas - as ci-

ticidade aos menores gestos; o rosto em Berlim, esteve em Viena-e de Viena, de Berlim e de Paris trouxe planos, projectos, e estudos - trabalhos inúteis, cuja concepção o deliciou como delicia aos velhos sultões de harém despovoado a evocação das odaliscas que os seus lábios beijaram.

amou-o; fixou-o durante algumas semanas.

Conheci-o num acaso de reportagem. Vi-o tinha um vício, uma paixão: o fregolismo das folhear os dossiers compostos sôbre as outras cidades. Senti pena por Lisboa. Pedi-lhe que derramasse um pouco do sonho de Fregoli de cidades sôbre esta capital. E êle cedeu. E eis o

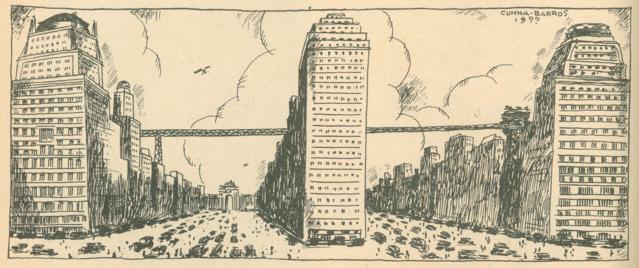
> Fomos para o Jardim de S. Pedro de Alcântara, como para um camarote aéreo que se abrisse sôbre a pista imensa da capital.

> E mascando o charuto com a dentuça de louça, começou a improvizar as reformas de Lishoa.

 O principal scenário das cidades, as suas bombolines, são os seus prédios. Uma cidade não pode apenas possuir palácios monumentais, embora isso seja indispensável, a certos bairros, como as apoteoses berrantes são necessárias a todos os fins de acto.

«As cidades vivem também da sua casaria modesta - desde que seja elegante e tenha carácter. Lisboa tem poucos palácios. As Avenidas que existem estão mal vestidas de prédios imponentes. A Avenida da Liberdade é pobris-E veiu a Lisboa. E Lisboa, que não estava sima. Parece uma marquesa de corpo divinal vestida de chita. Mas, em suma: o que mais choca em Lisboa-é a segunda categoria das suas casas... O estilo pombalino, as suas janelas quadriculadas, janelas de guilhotina, de escadaria suja e estreita - são impróprias da city. A casaria pombalina, nascida dum terremoto - vive sempre a evocar terremotos. Tem carácter - mas não tem nem beleza nem variedade. É feia e é monótona. Se me fôsse dada a farinha do poder para a transformação de Lisboa - o primeiro que faria seria o arranjo da Baixa - a começar pela sua casaria. Vestia de novo os prédios - como os dentistas chumbam a oiro os dentes ameaçados.

> «E logo a seguir, sem hesitação, deitaria fogo aos tais bairros que os lisboetas amam e que são o foco permanente de todos os males dêste pais: males de corpo; males de espírito.





Refiro-me à Mouraria, a Alfama, ao Bairro ris, Berlim, estão cheias de terraços, de inverno Alto.

«Uma população que gosta dêsses bairros luz, nem da beleza, nem do triunfo. É uma população triste, neurastênica, suja e sem ambições. Esses bairros são feridas purulentas, segregando veneno que se alastra e contagia tôda

morbidamente êsses bairros, deixaria de pê um pedaço dum dêles -algumas congostas, das mais características - e fechá-los-ia, cercando-as com uma muralha elegante, com porteiro fardado à porta. E ninguém o habitaria. Seria para visitar, como uma velharia de bric-á-brac como vitrine de museu. A aplicação que daria ao espaço conquistadodirei mais tarde.

"Depois ia a City, quero dizer, a Baixa, e faria dela um centro de cidade moderna.

«A Baixa lisboeta sofre de dois defeitos essenciais: a estreiteza das ruas e a estreiteza dos passeios. Todos os outros defeitos, provém dêstes dois.

«Principiava por alargar as ruas; e alargando as ruas, alar-

gava os passeios - e via-me livre de fileiras intensas de lúgubres casas pombalinas. A Rua do Oiro ficava entre a face ocidental, que possui hoje e a face oriental da Rua Arco de Bandeira. O resto-cairia sob um dilúvio de picaretes. E assim, a Rua do Oiro - era um boulevard amplo e europeu. A Rua Augusta incharia até à Rua da Prata. Segundo boulevard. E deitando abaixo a casaria da Rua dos Douradores - a Rua dos Fanqueiros, sem a grandeza das outras duas, seria também uma artéria decente.

mos assim o hall da cidade recortado à moderna. Agora vamos à decoração. Os passeios teriam um pouco mais da largura dos do Rossio. No centro das ruas, sôbre o asfalto, seria levantado um passeio extensissimo. E sôbre os passeios marginais, estender-se--iam terraços de café. Os terraços de café são as platéas das cidades modernas. São as «marcas registadas» das capitais. Madrid, Pa-

e de verão.

«Agora subamos. Os prédios do Rossio ociestá condenada a não gastar da água, nem da dental seriam engulidos por um mágico alcapão. As fachadas dos prédios da actual Rua 1.º de Dezembro seriam maquilhadas e vestidas. E a Rua Nova do Carmo desembocaria directamente na Praça: frente à Praça dos Restauraa cidade. E, para fazer a vontade aos que amam dores. Do fim do Chiado ver-se-ia a Avenida da

> CUNHA BARBOS ********

> > e deslumbrante de luz.

«Que lhe parece? Bem? Pois oiça. Rua de S. Domingos, final da Rua dos Fanqueiros, iriam para as profundas do Inferno. Uma outra praça se fazia, para substituir a praça original e artística de onde nascia a Rua Nova da Palma. Escusado será dizer-lhe que a Rua Arco Marquês de Alegrete e tôdas as ruelas afuniladas que se estrangulam na Mouraria ofereciam espaço para alargar e regular a Rua da Palma -

«Optimo. Já te- e para se abrir um novo bairro, estendido pela Rua da Mouraria, Capelão, etc.

> «Agora subamos ao Chiado, O Bairro Alto seria perfurado no centro por uma Avenida que desembocasse neste Jardim de S. Pedro de Alcântara. Dessa avenida irradiariam novas ruas, largas e vistosas.

> «E feito todo êste trabalho - vamos ao melhor, ao que daria a Lisboa um aspecto inédito juliovernense-o bastante para atrair as multidões de turistas. Lisboa tem sete colinas e só uma delas é que é bem servida: a do Carmo. O Elevador de Santa Justa è uma trouvaille, o apontamento dum plano genial que não foi posto em prática. Frente ao elevador de Santa Justa, na Rua dos Fanqueiros, onde está agora um hotel, seria erguida uma nova Tôrre para um novo elevador, cuja ponte fôsse ter ao Castelo. E, assim, os habitantes dessa colina triam da City aos seus bairros em alguns minutos apenas.

> «Mas não podiamos ficar por aqui. O Elevador da Glória é feio; é aleijado; é coxo. Do prêdio da esquina para a Praça dos Restauradores levantar-se-ia uma terceira Tôrre, um terceiro ascensor, que nos guindaria em segunda a êste jardim. E para ser completo, construia-se uma quarta Tôrre no Cais do Sodre. A ponte passaria por cima do Largo de Camões (onde havia ascensor, para descer os que se destinassem ao Chiado) e iria unir-se com a esta-

> > ção do ascensor do Jardim de S. Pedro de Alcântara.

> > «E para terminar o primeiro acto desta mágica fregolisante, teríamos de resolver o problema máximo desta Lisboa antiquada: a descongestão da Baixa. Êste hábito de se viver no centro da cidade, não aproveita à Baixa e torna triste os outros bairros. E era fácil! Quere um exemplo? Porque não se fez uma grande estação de Caminho de Ferro em Entre-Campos? Calcule você a vida que se notaria nessas avenidas hoje lúgubres - se os grandes rápidos e o sud-express tivesse ali uma paragem, frente a uma estação monumental. Viriam logo hotėis «palaces»; restaurants, teatros... -o nascimento duma nova

Liberdade, com a sua perspectiva desafogada City - mais elegante, mais vistosa do que a outra...»

> A tarde caira. As últimas gôtas de luz do sol, escorrendo pelo rosto moreno do fregoli das cidades, avermelhava-o ... e dava-lhe tons mefistofélicos...

> > REINALDO FERREIRA

ESTÉTICA DA LINGUA PORTUGUESA

EPÍSTOLA AOS POETAS

LGUNS poetas portugueses modernos e contemporâneos, incluindo nesse número os melhores, pecam às vezes contra a unidade da lingua literária e também contra a sua sonoridade, contribuindo assim com o seu mau exemplo, os que são mestres do verso, para que tais pecados se generalizem entre outros menos notáveis ou mais mocos, que com justa razão admiram e seguem aquêles como alunos atentos.

Peca contra a unidade da lingua o poeta coimbrão que rima tenha com montanha, ou o poeta lisboeta que julga poder o substantivo dissilábico ri-o rimar com o monossilabo riu, do verbo rir. E êstes dois exemplos são frequentes na nossa literatura poética actual.

É certo que numa parte do pais os finais anha, e enha, anho e enho se confundem na prosódia corrente; è certo que em Lisboa se ouve dizer está friu, em vez de está fri-o; mas isto são pronúncias dialectais que não merecem consagração literária e comprometem a beleza da obra poética, restringindo o seu pleno gôzo aos distritos nacionais onde tais confusões prosódicas ocorrem ou as camadas de leitores menos cultos e prevenidos, ao passo que, fora dai, hão-de causar a impressão desagradável de uma arte imperfeita, manchada de incúria, ou muito fácil em abandonar-se a liberdades abusivas.

Um dos casos de scisão prosódica entre o norte e o sul do pais é êste: o norte distingue bem, no ditongo ou, os dois elementos vocálicos de que êle se compõe; o sul, pelo contrário. confunde ou com ô, destruindo assim o ditongo e pronunciando côsa em vez de cousa, rôpa e e tôca em vez de roupa e touca. Por-isso a lavadeira saloia diz rupinha e tuquinha, em-quanto a sua colega minhota, caindo no vicio contrário, tende a transformar o ditongo em tritongo, proferindo râoupa e râoupinha, tâouca e tâouquinha. A razão e a verdade estão no justo-meio que a própria grafia indica, mediante o qual deve ser vedado à poesia verdadeiramente portuguesa e verdadeiramente artistica, cuidadosa e superior aos desleixos do «menor esfôrço», irmanar nos finais dos versos sons diferentes, como foram, são e devem ser, na lingua literária comum, as terminações de louca e bôca, louça e môca, couto e côto, ouro e côro, etc., etc.

Não querendo proceder assim, podemos ir muito longe, de confusão em confusão e liberdade em liberdade, chegando a ponto de nos não entendermos e escorregando até rimarmos tudo com coisa nenhuma. É o que já se vai ver com os seguintes exemplos:

Todos sabem que de longa data se insinuou na nossa literatura poética a liberdade de rimar o ó aberto com o ó (ó fechado ou circunflexo), e que o mesmo se deu com é e ê. Camões rima cérto e expérto com desconcêrto; escréve com têve e estêve; aquéla com estrêla; colhêsse com dissésse; péço com padêço; contê-las com élas; e do mesmo modo senhôra com hóra e adóra; maiores com imperadores; antecessores com muito mais artistas que os nossos. E. depois, piòres; espôsa com formòsa, etc. (1)

Não tenho tempo, nem há talvez necessidade de organizar a êste respeito uma estatistica: mas creio poder dizer que se encontram nos poetas clássicos mais exemplos desta liberdade a respeito da rima de é com ê, do que de ó com ô. E ao meu ouvido soa menos abusiva e menos distanciada da realidade prosódica a primeira liberdade que a segunda, quero dizer: parece-me que estrêla rima menos mal com éla, do que espôsa com formosa.

Seja, porém, como fôr, o certo é que, do século de Quinhentos até agora, os poetas portugueses teem pôsto a render a tolerância herdada atreveram a emparelhar pousa com espôsa, e daquele, e hoje em dia já ninguém faz cerimónia de rimar fóro com chóro, decôro com canoro, corte com morte, solto com volto, cores com louvôres, e por ai fora. Mas o pior é que a esta liberdade tradicional junta-se por vezes a nova licença de considerar ou consonante com 6 e até com ó, e então vemos um moço poeta madeirense, aliás distintíssimo, rimar movem com ouvem, ou louvem com chovem, e encontramos no livro recente de uma poetisa de Lisboa, muito notável também, transigências como a que brada aos céus nos dois versos seguintes:

Certas humildes, pequeninas «cousas» Feitas de hesitações «embaraçosas»

Desta maneira não tardará muito que o verso rimado deixe de estremar-se do verso branco, e nada teremos que opôr a qualquer vate alentejano que se lembre de juntar verdadeiros com féros, ou inteira com pêra. Quer dizer: chegar-se há à desafinação de rimar o ôvo com o espêto.

Como portugueses e como artistas, devem os nossos poetas evitar cuidadosamente êstes atentados contra a unidade da língua literária. Como artistas cumpre-lhes fazer arte, aceitando as dificuldades que a arte implica por definição, em lugar de evitá-las ou iludi-las covarde ou preguiçosamente com o pouco mais ou menos das transigências e liberdades excessivas. Como artistas, sejam portanto antes parnasianos do que desleixados, ou então fiquem-se no exercicio primário da quadrinha ao modo popular, de que tantos deles não passam e onde o rústico, o imperfeito, o fácil, o aproximado, teem sua graça especial, que não convêm à literatura poética verdadeiramente culta e artistica. De outra maneira deixar-nos hão as suas obras triste impressão de impotência, de veleidade ou de cábula, e a crítica avisada e sincera, rara muito embora em Portugal, afastar-se há delas com

Como portugueses, pensem primeiro na desconsoladora confissão que já hoje temos de fazer, de que os poetas brasileiros se mostram

(1) Todos êstes exemplos são tirados das oitavas chamadas Ao desconcêrto do mundo, menos o último, que pertence

reflitam que todo aquele que escreve se constitui ipso facto fiel-depositário da lingua em que escreve, lingua literária, culta, e fixa até certo ponto, que é um compromisso geral entre os particularismos orais correntes, e só pode existir e perdurar com a condição de respeitar a unidade artificial, literária, que é a sua base exclusiva. Se a literatura desatasse a ser valhacouto de tôdas as variedades regionais, dar--nos-ia assim o espectáculo de um musicante louco, destruïdor do próprio instrumento em que tem de tocar.

Camões e os outros quinhentistas nunca se se rimavam espôsa com formosa, e estrêla com bela, já vamos ver que tinham justificação suficiente para assim procederem. Em primeiro lugar foram êles quem fixou o português literário, e tão bem ou tão mal que, mais de três séculos rodados, a lingua culta por êles criada é ainda, com pouquissima diferença, a nossa de hoje. Mas os quinhentistas portugueses eram, ao mesmo tempo, rivais e discípulos dos espanhóis. Rivais, porque queriam patriòticamente opor à infiltração fortíssima do castelhano uma língua literária portuguesa autónoma. Discipulos, porque surgiram intelectualmente como continuadores do Renascimento italiano, e êste forçava-o a geografia e a política a vir até nós por via de Espanha.

Acontecia, porém, e acontece ainda hoje, que è muito mais fácil rimar em castelhano que em português, porque o vocalismo da nossa lingua se apresenta muito mais abundante e variado que o daquela. Em espanhol rimam estrella com ella, señora com hora, temores com mayores, hermoso com reposo, o que em português não acontece com as palavras correspondentes. Não admira portanto que os quinhentistas lusitanos, discípulos e leitores assíduos dos castelhanos, acasalassem vocábulos nossos que não rimavam tão perfeitamente como os seus pares espanhóis. O que admira è que, em luta com uma lingua muito mais espalhada e literàriamente mais adiantada do que a nossa era no seu tempo, tivessem conseguido vencer. E nem por estarem criando então, com nobilissimo esfôrço patriótico, um idioma literário novo, precisaram de cair em abusos de facilidade e colerância prosódica excessiva, frequentes hoje em dia. Nunca rimaram formoso com repouso ou louco com tóco, apesar de terem em caste-Ihano exemplos como hermoso-reposo, ou loco-

A seguir veremos que a poética portuguesa moderna, se por um lado tem de afastar-se da de Camões e dos outros quinhentistas, no tocante à facilidade e liberdade prosódica da rima (que hoje exige muito maior rigor e requinte artístico), deve por outro lado voltar à tradição camoniana, pelo que respeita à metrificacão.

AGOSTINHO DE CAMPOS



UM PRECEPTOR DE PRINCESAS NA CÔRTE PORTUGUESA

infante D. Duarte, duque de Guimaráes, filho do rei D. Manuel, teve do seu casamento com D. Isabel de Bragança três filhos: D. Maria, D. Catarina e D. Duarte. A filha mais velha, D. Maria, nascida no último mês de 1538, casou em No-



D. Maria de Portugal, princesa de Parma

vembro de 1565, na cidade de Bruxelas, com o principe Alexande Farnésio, filho do duque de Parma, Octávio Farnésio, realizando-se então esplêndidos banquetes e bailes, com muitas outras festas que ficaram famosas, descritas por mais de um cronista. Puseram-se depois os noivos a caminho de Itália, chegando em junho seguinte à capital do ducado, onde foram festivamente recebidos pelo duque Octávio e pelo povo. Antes da princesa embarcar para Flandres tinham-se celebrado também festejos em Lisboa, incluindo grande tourada com morte de 17 touros. Pedro de Andrade Caminha compôs o indispensável Epitalâmio, estendido por 85 oitavas, em que diz da noiva:

Co'as as Graças e co'as Musas se criava E Minerva seu Esprito inflamava.

E também se refere à irmă:

Nos mesmos exercicios e costumes, Com ela a Irmã mais moça se criava.

Esta última, D. Catarina, que casou com o primo, D. João de Bragança, filho mais velho do duque Teodósio, foi duquesa de Bragança e avó de D. João IV.

As duas princesas tiveram na verdade a esmerada educação literária e scientífica a que alude o poeta Caminha. A respeito de D. Maria, que não chegou a cingir a corôa ducal por ter morrido cêdo, em 1577, diz o P.º Sebastião Moraes, seu confessor, que sabia bem a lingua grega, falava e escrevia correntemente a latina. possuindo também largos conhecimentos de Filosofia natural e Matemática. Do seu interêsse por esta última sciência é testemunho um dos cinco manuscritos portugueses que lhe pertenceram e hoje se guardam na Biblioteca Nacional de Nápoles, por ter recolhido a esta biblioteca a livraria da casa Farnésio quando a familia se extinguiu. O manuscrito, a que nos referimos, é um formoso códice de umas 200 fôlhas, cujo longo título se pode ler no frontispicio que juntamos, fac-similado: «Seis libros de Euclides Megarense, philosopho acutissimo mathemático, trasladado em linguagem pelo licenciado Domingos Perez. Aos quais ajunto a Altimetria, Longimetria, Profundidades, com as medidas de corpos mathemáticos e fábrica de relogios reduzidos a esta altura de Lisboa, Anno de 1559. Dirigido às muito Excelentes e Serenissimas Princezas, a senhora D. Maria e a senhora D. Catherina, filhas do Infante D. Duarte e Infanta D. Isabel, netas del Rey D. Manuel». Sabia-se que o Doutor Pedro Nunes fôra mestre de Matemáticas e Filosofia dos irmãos de D. João III, os Infantes D. Luís e D. Henrique, sendo-o depois também das sobrinhas, D. Maria e D. Catarina, e ultimamente do neto, D. Sebastião. Aparece-nos, porém, aqui um novo preceptor das princesas. Pedro Nunes passou em Lisboa os últimos quatro anos, anteriores à sua jubilação em janeiro de 1562, ocupado na reformação das cartas de marear e no exame de mestres e pilotos. Estava pois lá em 1559, data do livro, e decerto foi êle quem recomendou o licenciado Domingos Peres para o auxiliar, ou substituir, no ensino das jovens princesas. O motivo porque o novo preceptor compôs este livro é exposto por êle no prefácio e merece ser conhecido: «E por desejarem Vossas Altezas ouvir a Theórica dos planetas, quiz para melhor inteligência ler-lhes os 6 livros de Euclides em latim, que são os princípios e elementos da geometria theórica, para tudo mui necessários, e muyto mais para a Navegação, perspectiva, fortificação e medidas de linhas e áreas». As netas de D. Manuel, na flôr dos seus vinte anos, pediam ao preceptor que lhes ensinasse a Teórica dos planetas de Purbáquio, a Mecânica celeste do tempo. Ele começava pelo Euclides, na edição latina, juntando-lhe para melhor compreensão, não a tradução completa, mas apenas a dos enunciados das proposições, com figuras primorosamente desenhadas; e acrescentava também principios de topografia e construção de relógios de sol: «E por mais facil e menos trabalhoso ser o exercício, trasladei em línguagem as proposições destes cinco livros, 1, 2, 3, 4, 6, e não do 5.º, porque trata da Aritmética, da qual tratei em outra parte. Ajuntei no fim destes 5 livros as medidas d'altimetria, longimetria, profundidade e a medida das áreas, terras e corpos matemáticos com alguma fabrica de relogios, reduzidos a esta altura de Lisboa, das quais três sciencias pende o mais dificultoso da Matemática, e a declaração dos instrumentos astronómicos que tenho feito a Vossas Altezas». Vê-se que o mestre também

construia instrumentos astronómicos para as discípulas.

O desenvolvimento das navegações trazia consigo em Portugal a necessidade do estudo da Astronomia. O cosmógrafo-mór Pedro Nunes superentendia nas cartas de marear e no exame de mestres e pilotos. O gôsto por tal estudo generalisava-se, e nos paços reais não eram só os Infantes D. Luis e D. Henrique que o cultivavam com intensidade. As próprias princesas queriam saber a teoria dos movimentos celestes, que depois o proprio Camões, no último canto da epopeia, resumiria em formosas e imortais estâncias.

Na princesa de Parma o interêsse pelas esferas cristalinas, com que se explicavam as trajectórias dos astros, não prejudicava as qualidades da bôa dona de casa. A par do livro de Domingos Peres, possuia ela outro manuscrito, conservado na Biblioteca de Napoles, composto de quatro partes, intituladas: Caderno dos manjares de carne, Caderno dos manjares de ovos, Caderno dos manjares de leite, Caderno das cousas de conservas. Com o livro em que o seu preceptor reunira as proposições de Euclides, as regras do uso do astrolábio, nas médições topo-

SEIS LIBROSDE
EVOLIDES MEGARENSE
philosopho accutissimo maikematico irasladado
em linguaiem pello lecenceado

PEREZ
Aos quaes asunio a Alameira
Longimeiria Profundidades is afmedidad
decorgos maisemanias i fabricas de Relogios
Reduzidos Aesta aluas de
Liboa Anno R

MDLpx

Dirigido a as muyto Excelentes & Screnif

D Maria Crafenhara

Fillar defendance o Duzen Classas D Habel News del Roy

Frontispicio do livro de Domingos Peres (Dimensões das páginas do Prefácio : 24 × 16 cent.)

gráficas, e da construção de relógios, cuidadosamente guardava as preciosas receitas da culinária lusitana, seguindo assim o bom preceito de Juvenal: mens sana in corpore sano.

LUCIANO PEREIRA DA SILVA.



De todos os domínios da actividade humana onde o Cinema vai buscar a sua matéria prima, o assunto, há um que, um pouco posto de parte até agora, em virtude precisamente da sua excessiva espiritualidade, passou neste momento à ordem do dia. Quero referir-me à religião ou melhor à história religiosa e em particular ao dogma católico.

Era com efeito curioso o constatar-se que a Igreja, que através dos séculos se tem esforçado por encontrar uma materialização do seu evangelho para a pôr ao alcance dos seus fieis, incapazes de abstracções, estivesse tanto tempo afastada do Cinema, instrumento maravilhoso e duma maleabilidade extraordinária para tornar concreto aquilo que justamente quer ficar o mais possível nos dominios da imaginação.

Aparte alguns exemplos muito antigos trazidos até nós pelos textos gregos que dizem que os sacerdotes dos templos egipcios se serviam de raios luminosos para fazer surgir uma aparição aos olhos ingénuos dos crentes, achamos por tôda a parte apenas maneiras grosseiras

de divulgar a história de Cristo. Representações teatrais diversas, como os célebres «Mistérios» da Idade Média, representam um esfôrço neste sentido. O cinema, porém, vai de repente chegar a qualquer coisa de muito mais completo porque pode, continuando a ser muito explicito, ressalvar aquela parte de sobrenatural, indispensável à religião, pois que a imagem em movimento é impalpável e como que imaterial. Neste gênero de produção devemos distinguir algumas categorias tendo tôdas o mesmo fundo religioso, mas diferenciando-se por aquilo a que poderemos chamar um «grau de pureza». Com efeito, desde o filme simplesmente moral até ao filme inteiramente dogmático, passando pelo assunto biblico de grande enscenação englobado na produção vulgar temos três espécies diferentes de filmes, dos quais os últimos são por assim dizer, ilustrações para o catecismo. O filme moral que è feito para tôda a clientela dos cinemas, é uma comedia dramática como se vê de ordinário em todos os écrans mas é a mão de Deus que dã o desfecho do problema pela sua intervenção. Pelo contrário, o argu-

mento bíblico não procura satisfazer apenas a moral, mas sim encontrar na História Sagrada o pretexto para o luxo da enscenação.

o pretexto para o luxo da enscenação.

Eliminando a pouco e pouco o assunto acessório, chegámos por fim as grandes produções religiosas «Bernardette» ou o «Milagre de Lourdes» com as aparições da virgem e a última novidade «La rose efeuillée» traçando os milagres de Santa Teresinha do Menino Jesus, cuja santa influência e fama são absolutamente mundiais entre os católicos.

Sem falar dos numerosos documentários chegamos agora ao Catecismo filmado, que é o filme católico própriamente dito. Aqui não há já scenários de imaginação mas sim e apenas uma ilustração tão fiel quanto possível da história sagrada. Uma firma «Le Film Catholique» especializou-se neste gênero e já apresentou uma série de pequenas ilustrações cinegráficas, «Os sacramentos». Maurice Negrier, animador desta série procura os seus intérpretes sobretudo entre os crentes mais fervorosos e assim se cria uma nova maneira de servir a Deus, interpretando filmes para a sua maior glória.



Um belo interior de decoração sóbria, severa e de requintada elegância, reconstituindo admirávelmente o vestibulo dum velho solar inglês, no último grande filme do «star» Edmund Lowe

res são belas como astros dum firmamento oriental. Chama-se êste filme «Aventuras do principe Achmed», tem música especial e legendas do doutor Mardrus, tradutor para francês das «Mil e uma noites». A sua apresentação deve ser feita em Paris dentro de poucos dias.

Os realizadores franceses Henry Fescourt, Leon Poirier e Henry Roussel, foram agra-ciados com a ordem da Legião d'Honra.

Como se vê, em França toma-se o cinema um pouco mais a sério do que em Portugal onde nem sequer existe uma lei de propriedade cinematográfica.

A grande casa Aubert de Paris põe um formal desmentido aos que dizem que não se ganha dinheiro com a edição cinematográfica, publicando o seu balanço de 1925. Os lucros líquidos foram de 2.374.630 francos e o dividendo de 25%. As receitas dos 200 grandes cinemas de



Ramon Novarro o célebre galá da Metro, contem-plando um desenho em que éle proprio reproduziu a sua cabeça no filme «Scaramouche»

Uma conferência de Edward Filêne sôbre a «Reconstrução Econemica da Europa, que teve lugar na Sorbonne há alguns dias, foi seguida da exibição do filme «A caminho da paz pela Sociedade das Nações» editado pela associação holandesa de propaganda da S. D. N. O excelente filme que é duma grande beleza, causou um profundo sucesso.

Quando Emil Janning's, o co-losso do cinema alemão, voltar da América onde foi cumprir um principesco contracto, reingres-sará na U. F. A. de Berlim e terá como enscenador o célebre Lupu Pick criador do filme «Rail» o primeiro que toi apresentado sem titulos.

7.247 horas de trabalho!... Foram as horas precisas para pro-duzir um extraordinário filme cuja apresentação todo o mundo culto aguarda com a maior anciedade. Tratata-se duma pelicula de perto de dois mil metros inteiramente realizada em sombras chinesas, mas cuja perfeição técnica e re-finamento artístico é tal, que os espectadores, esquecendo os tru-ques, seguem absortos as peripé-cias fantásticas dêsse conto das «Mil e uma noites» onde monstros apocalipticos batalham com ter-riveis feiticeiros e génios bons socorrem, como sempre, os apai-xonados, palácios se constroem numa noite e tôdas as mulhe-



A suprema artista Lilian Gish tal como se apresenta na protagonista do filme «Scarlet Letter» de Nathaniel Hawthorne e que a «llustração» publica com o título «A letra en-carnada»

Norma Shearer envolta num rico «manton de Manila» a última moda em Hollywood

Aubert em Paris e nas provincias cobradas em 25 de Junho reverteram integralmente para a caixa de socorro ao franco.

Para seu debute como novo ele-mento dos «United Artists», Buster Keaton, o nosso conhecido Pam-plinas, vai durante o inverno exe-cutar duas grandes comédias bur-lescas. A primeira intitular-se há «O General» e dá logo que pen-sar sôbre a figura do célebre «ho-mem que nunca ri» carregado de mem que nunca ri» carregado de dragonas e veneras. Keaton será o seu próprio enscenador e rodear-se há duma legião de 150 especialistas em truques cómicos, chamados em Hollywood «gagmen».

A próxima época de produção francesa anuncia-se com Madone des Sleepings, de Dekobra, La Femme Nue, de Bataille, Chéri, de Collette, Le Baiser du Soleil, de Champsaur, Fidelio, de L. Van Beethoven, etc.

II

O MAR

mar algarvio tem o seu nome ligado aos mais brilhantes feitos da nossa história marítima. Daqui partiram para a última singradura as naus e galés da gloriosa e promissora jornada de Ceuta, comandada pela mais brilhante élite do Reino. Aqui voltou o Infante com a obstinada idea que havia de trazer ao pequeno Portugal tanta glória e tanta tormenta. Destas águas foram largando, por dezenas de anos, umas apos outras, as frotas que, pelo vasto oceano e pela costa africana abaixo, foram descobrindo terras novas e novos dominios para Portugal, num trabalho insano e despesa de energias,

Mais do que prometia a fôrça humana.

Ainda hoje, como homem que violentou a potência dos seus músculos e caiu quebrado, esta-

mos sofrendo as consequências dêsse esfôrço sôbre-humano. Assim nos parece justo interpretarmos o nosso estado presente de esgotamento e desânimo, contra o qual devemos reagir na convicção de que o renascimento é mais do que possivel, certo, se o quisermos, decididamente, com vontade muito patriótica e bem dirigida. De

igual modo nos devem julgar os de fora: com a benevolência e simpatia que merece quem pela civilização - por todos - se sacrificou, e se encontra doente do excesso formidável, mais útil a estranhos do que a si proprio.

Pois êste mar maravilhoso, testemunha que foi dos nossos melhores dias de glória, pode sê-lo igualmente dos de melhor prosperidade que éle mesmo facilitará. Mar de mil safiras, ténue de côr aqui, além profundo e carregado, prenhe de riquezas no seio ubérrimo, amoroso e brando ao marinheiro, até na beleza das praias doiradas e rochas sanguineas que modelas, podes ser o auxiliar fraterno desta terra que banhas e por demais adormeceu o canto fagueiro das tuas ondas. Em vez de singrado por galés guerreiras, se-lo hás por pacificos barcos pescadores; em vez de revôlto pelo tumulto do combate, agitado por engenhos que das entranhas irão extrair-te as riquezas ictiológicas que contens.

Mas para que assim seja, forçoso é que os ho-

mens de hoje imitem os de antañho e organizem as suas artes com saber todo de experiência feito. Andar a acertar, como até agora, é desvario que êles não cometeram e está fora do espírito dêste século e das possibilidades de êxito, ou pelo menos de sucesso estável.

A maior deficiência na organização actual da pesca algarvia é a ignorância sôbre a vida das espécies. O maior obstáculo, para que ela possa prosperar, a obstinação em não querer reconhecê-la. Quando o peixe falta, clamam todos aos céus, consultam as bruxas e prometem velas aos santos. (Isto não é literatura; é positivamente assim). Mas como era de esperar a causa da sua ausência segue a natural evolução. Quando volta ninguém mais se lembra de que de novo faltará algum dia.

lembrar quem deve orientá-ios e fazer sentir a sua mão de comando.

Para que qualquer indústria neste século seja

Numa armação de atum - Copejando

explorada com proveito, é indispensável que o seja scientificamente. Por detrás de tôdas está hoje uma técnica complexa, uma preparação scientifica, que permite laborar com lucro lutar com as concorrentes dos países estranhos, dentro e fora da barreira alfandegária.

Por tôda a parte se pesca hoje scientificamente. A pesca de todos os países civilizados tem a orientá-la um estado maior de homens de sciência, oceanografistas, naturalistas, analistas, que dia a dia, vão investigando o que convém saber para seu funcionamento e progresso. Esta organização consta essencialmente de um laboratório de análises, servido por barco próprio, que colhe no mar os elementos necessários de estudo, e os passa pelos seus reagentes, pelo seu microscópio até chegar a conclusões que o habilitem a informar o pescador onde, como e quando deverá pescar tal peixe.

Na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Alemanha estão funcionando organizações dêste género. A França estendeu-as até às suas coló-

nias. Conhecemos directamente o que um sábio francês, discípulo do Instituto Pasteur de Paris, M. Krempf, tem feito na Indochina: as realizações e resultados concretos do seu labor inteligente. A mesma Franca vai neste momento mandar à nossa costa o Pourquoi pas?, com o simpático e infatigável dr. Charcot. Deixaremos que ainda êste problema doméstico venham estranhos estudá-lo e resolvê-lo? Para vergonha da nossa preguiça e incompetência nos basta que Tait, Choffat e tantos outros fizessem o que aos de casa competia. Se é certo que os havemos de ter como mestres, ao menos que alguém junto dêles aprenda para os substituir. Se entre nos não há infelizmente quem tome a direcção dêste serviço, para começar a resolver e não a aprender, contrate-se em país estrangeiro al-Não se lembram êles, mas tem o dever de se guém que o possa fazer e, num curto praso, nos apresente o resultado das suas pesquisas traduzidas em soluções práticas.

O Algarve, provincia que tem na pesca uma

das suas mais importantes riquezas, precisa urgentemente que aqui-para seu exclusivo uso - haja um laboratório desta natureza e barco adequado àquelas pesquisas oceanográficas. com pessoal perfeitamente conhecedor dêste serviço, que com êle não venha a aprender, antes possa ensinar os muitos que dêle necessitam ensina-

mento (1). Isto é o que a provincia tem a conseguir, instantemente, do Estado (2). O estudo scientifico da ria de Faro a Tavira, prodigiosamente cheia de promessas, só alguém com perfeito conhecimento dêstes assuntos o poderá

O Estado propôs-se há pouco, em decreto,

(1) O serviço organizado em Lisboa, com sede no Aquirio Vasco da Gama e o Albacora ao seu dispor - de que até hoje a pesca algarvia desconhece as conclusões e do qual ainda não recebeu a mais simples directriz - não nos parece mesmo com tôda a proficiência, que possa abarcar todo o servico da vasta costa de Portugal, E trabalho demasiado para um homem (mesmo trabalhador e probo como me informam ser quem dirige ésse serviço) e para um barco. O serviço que se organizasse no Algarve poderia utilizar uma das pequenas canhoneiras da fiscalização, a que se fariam instalações próprias.

(1) Os homens práticos continuarão pensando que tudo isto é poesia, ¿ mas a que desfecho nos trouxe a sua prosa tersa e clarividente orientação? A esta grita de aflitos, sem um alvitre de remédio para tanto e tão grande mal.

iniciar a exploração de ostreiras na ria de Faro. É de esperar que o faça por processos modernos, com técnicos habilitados em ostreicultura. Se o resultado fôsse negativo ou mesmo insuficiente, viria alimentar a descrença portuguesa em innovações. Quando se pretende reformar a vida nacional, destruir a rotina, é indispensável substituí-la por práticas insofismàvelmente eficientes.

Como auxiliar moderno do pescador não devemos desprezar a aviação. (Estamos repetindo palavras que mais de uma vez temos publicado, mas nesta terra avessa a novidades não é de mais). A observação feita pela aviação marítima, processo êste já em uso nalguns países do norte da Europa, è um meio prático de reconhecer a existência e posição dos cardumes. Poderiamos pôr à prova a sua eficácia (depois de algum tempo de indispensável treino dos observadores) estabelecendo em Faro a projectada e começada base de Aviação Naval, para a qual continuam existindo as mesmas razões militares que aconselharam, durante a guerra, a sua construção. Mesmo que os hidros não fizessem vôos especiais, bastava que no seu indispensável treino dirigissem a sua atenção para êste ponto, para poderem prestar um valioso auxílio à pesca al-

Em que mais poderá o Estado contribuir para a resolução real dos problemas económicos do Algarve na sua face marítima?

Desenha-se neste exacto momento um movimento de apêlo aos governantes, da parte do capital e trabalho interessados nas indústrias do mar. Esta representação que se arrasta há já meses, com uma velocidade que parece contrastar com a urgência que clamam existir, apresentarà uma lista de medidas concretas, tendentes a resolver a crise actual da pesca e indústrias derivadas. Não nos enganaremos muito supondo que tôdas serão remédios de ocasião, para curar momentâneamente os efeitos do mal, como quem diz para não curar coisa nenhuma. Não é isso, por certo, o que inteligentemente convêm fazer. Embora se não desprezem de todo os paliativos (pelo menos para acalmar os espiritos) sem neles empenharmos demasiada energia nem demasiados fundos, o que temos é de olhar o problema a fundo e achar soluções definiti-

A indústria da conserva poderá ir agora pedir ao Estado que lhe minore os males que por suas próprias mãos criou. Quando, sem pesca nem mercados que garantissem tão grande expansão, todos se lançaram doidamente a montar fábricas e fabriquetas, elevando o seu número ao absurdo, pelo critério simplista que os outros ganhavam dinheiro; quando terminada a guerra se degladiaram ferozmente, vendendo por preços ridículos, com prejuizo muitos, em escudos. sem a união necessária para manterem um preco em shillings compensador do seu trabalho; quando deixaram perder a boa oportunidade de se transformarem e desviarem o seu capital, e is bôcas que sustentavam, para outra actividade lucrativa; não teriam certamente tolerado que o Estado, se mais previdente tivesse sido, e tivesse sabido cumprir o seu papel de dirigente, lhes pusesse entraves ou os impelisse

iniciar a exploração de ostreiras na ria de Faro. para o caminho sensato das restrições e limi-É de esperar que o faça por processos modernos, tações (1).

¿ Voltam hoje a casa, como filho pródigo dêste pai que, na verdade, pouco mais juizo teve do que o filho? O seu interêsse é afinal o de nós todos: tôda a economia nacional é solidária. A loucura é supor alguém que ardendo a casa alheia o fogo lhe não chegará, por morar muito longe. O fogo que não se extingue pode chegar a tôda a parte. Até pelo ar voam as faulhas. Se o Estado agora se tornou pessoa de juizo, não pode desinteressar-se do problema económico do Algarve, e muito pode fazer em seu benefício.

Além do estudo scientífico do problema da pesca, para aproveitamento integral da ría e exploração do mar conforme a sciência e a razão aconselharem, o Algarve pode reclamar uma fiscalização mais perfeita e moderna, de modo a evitar em maior escala, senão completamente, a depredação e estrago que na sua costa estão fazendo os vizinhos pescadores espanhois. Já noutro lugar dissemos como os mesmos hidroaviões poderiam colaborar eficazmente neste



Arpoando um belo exemplar

serviço e como êle ficaria modelarmente organizado se os capitáes dos portos tivessem ao seu dispor vedetas de guerra, com motores Diesel de 3o a 35 milhas de velocidade. A despesa feita com êste material seria do maior proveito para o nosso armamento naval, elemento como é indispensável na guerra moderna. O seu pessoal muito reduzido e a despesa mínima com os motores, visto que não estão inutilmente sob pressão, nem um minuto, torna-o aconselhável para êste uso.

Os portos pelos quais sai a importante e crescente exportação da provincia estão há muito necessitando a execução do que já se conhece ser urgente: Rasgamento das barras de Portimão, Faro, Tavira e Vila Real; construção dos portos de Faro, Tavira, Lagos e Vila Real. As Juntas Autónomas estão neste momento trabalhando nesse sentido, e é justo dizer que o seu pessoal técnico oferece tôdas as garantias que não será por deficiência na resolução dos problemas que esta boa orientação fracassará.

O que urge para que tudo não fique em projectos, ainda que técnicamente admiráveis, é o auxilio financeiro do Estado, sob a forma de empréstimo ou outra. O de Faro parece merecer a cooperação da emprêsa mineira de Aljustrel, por servir os seus interêsses com uma saida curta para o mar. Se assim é, que apareça a energia capaz de condensar tôdas estas vontades e levar-nos a uma realização rápida.

Ligado ao problema do porto de Faro anda o de uma linha férrea que saindo da estação de Loulé passe por esta vila, vá a Salir e Querença e volte por S. Braz e Estoi a Faro, servindo uma região rica em produtos agricolas, que dá à exportação volumoso contingente. Opina-se que deveria ser eléctrica; os técnicos o dirão. Uma companhia belga pensou, antes da guerra, na sua montagem, ¿ que é feito dessa iniciativa? ¿ Não será ao menos possivel seguir o trilho do seu pensamento que deveria ser baseado em dados económicos que garantissem o bom futuro da emprêsa, do qual também não duvidamos?

O porto de Faro pode ser mais do que o grande exportador do centro da provincia, o importador e distribuidor de todo o Algarve. Razão nenhuma há para que esta provincia esteja nas suas compras ao mercado externo sujeita ao oneroso porto de Lisboa, ao custo e transtornos de uma longa linha férrea e às comissões pesadas da praça da capital. Faro pode tornar-se, mediante uma organização comercial e financeira convenientes, o centro distribuidor de todo o Algarve para tôdas as mercadorias do seu consumo.

E êste inicio da verdadeira autonomia da provincia (mais importante do que a política) os algarvios a teem de fazer por suas próprias mãos; não é milagre que possamos pedir aos santos do Terreiro de Paço. De entre os êrros que tornam a nossa vida política e económica uma barafunda, avulta, a nosso ver, a centralização. A capital e o seu porto, como cérebro congestionado, mirraram as provincias, escreveu com indiscutivel verdade Oliveira Martins. Se quizermos conseguir a circulação compensada, o pulso regular e calmo, dos corpos em boa saude, forçoso é que trabalhemos para que a vida provincial adquira a importância que lhe compete e nunca teve. Descentralização, regionalismo, autonomia municipal e administrativa, de grau em grau, progressivamente, deve, em nosso entender, entrar no plano dos que desejem um Portugal melhor.

Só assim a cabeça de gigante será reduzida às devidas proporções e o corpo de pigmeu crescerá na medida do razoável.

SEBASTIÃO DA COSTA.

⁽¹) Entendemos que ainda é ocasião de o Estado mandar fazer, por pessoa competente e de grande independência, um inquérito a esta indústria (parte integrante do inquérito geral à Indústria que é forçoso fazer-se para podermos arrumar convenientemente a casa) para, diante dos elementos exactos do problema, resolver o que convém fazer, tendo em vista, especialmente, o interêsse social, a felicidade da Grei.

Uma regulamentação, sobrepondo os interêsses nacionais e eternos, da sua conservação e bom nome, aos particulares e mesquinhos dêste ou daquele, está a impôr-se há muito.

ENCARNADA LETRA

Romance por NATHANIEL HAWTHORNE

(Continuação do n.º 14)

Sensacional romance americano, cujo extraordinário êxito se avalia pela tiragem de 2.700.000 exemplares atingida nos Estados Unidos.

sôbre um poste, ora sôbre um muro de quin- a cabeça para a plataforma do crime. Quando tal, aqui numa janela de gelosia, ali numa a luz da lanterna de todo se sumiu, reconheceu bomba de água com a selha cheia, mais o padre, pela fraqueza que o atacou, que estes adiante sôbre uma porta em arco, de carvalho, de aldraba de ferro, com um toro rude por degrau. Todos estes pequenos pormenores notou o reverendo sr. Dimmesdale, sem embargo de estar firmemente convencido de que a sua condenação vinha avançando para êle naqueles segrêdo tanto tempo escondido. Ao aproximar-se a luz, viu, dentro do circulo iluminado, o seu irmão espiritual - ou, para melhor dizer, o seu pai profissional, e amigo valiosíssimo o reverendo sr. Wilson, que o sr. Dimmesdale logo supôs que tinha estado a rezar junto do leito de algum muribundo. E assim fôra. O bom momento, cercado, como as santas personagens pectro — que por tal o deveria tomar — de um leste, ao virar os olhos para lá, para ver o peregrino triunfante passar-lhe os umbrais - neste momento, em resumo, o bom padre Wilson ia andando para casa, ajudando os passos com a luz de uma lanterna! O brilho desta luz sugerira aqueles conceitos ao sr. Dimmesdale, que agora sorriu - que quási riu dêles - e em seguida pensou se não estaria prestes a enlouque-

o padre inibir-se de falar :

uma hora agradável!

Ora deitava um lampejo de reconhecimento o chão lamacento, sem voltar, nem uma só vez, de pasmo e de horror. ¿E quem veriam ali, com últimos momentos tinham sido uma crise de terrível angústia, se bem que seu espírito se houvesse involuntàriamente esforçado por se aliviar recorrendo a uma espécie de alegria si-

Dali a pouco, o mesmo hediondo sentimento

passos que ouvia, e que dali a instantes a luz do grotesco tornou a insinuar-se entre os fanda lanterna caïria sôbre êle, e revelaria o seu tasmas solenes do seu pensamento. Sentiu entorpecerem-se-lhe os membros com o frio da noite, a que não estava habituado, e chegou a duvidar se poderia descer a escada do cadafalso. Viria a manhã, e encontrá-lo-ia ali. A vizinhança começaria a despertar. O que primeiro se levantasse, e saisse de casa na luz vaga da antemanhă, veria uma figura mal definida, de velho vinha agora mesmo da câmara de morte pe no lugar do oprobrio; e, meio desorientado, do Governador Winthrop, que, ainda não havia entre o susto e a curiosidade, iria bater de porta uma hora, se fôra da terra para o céu. E neste em porta, chamando tôda a gente a ver o esde outros tempos, de uma auréola radiante, que defunto criminoso. Sombrio alvorôço correria de o glorificava no meio desta noite triste de pe- casa em casa. Então - aumentando já a luz da cado - como se o extinto Governador lhe hou- aurora - levantar-se-iam velhos patriarcas, vesse deixado herança de sua glória, ou sôbre muito à pressa cada um em seu roupão de flaêle tivesse caído a luz distante da-cidade ce- nela, e graves matronas, sem se dar tempo de tirar a touca de dormir. Tôda a tríbu dos meticulosos que nunca até ali se tinham visto em público com um só cabelo em desalinho, surgiria à vista de todos com aspecto de figuras de pesadelo. Viria o velho Governador Bellingham, severo, com a sua gola à Diogo Primeiro posta de través; e a senhora Hibbins, com raminhos da floresta ainda presos às saias, e com ar mais azêdo que nunca, por quási não ter pregado Quando o reverendo sr. Wilson passou pelo olhos depois da cavalgada nocturna; e o bom pé do cadafalso, segurando contra si com uma padre Wilson também, depois de passar metade das mãos a sua capa de Genebra, e com a outra da noite junto de um leito de morte e pouco erguendo a lanterna à altura do peito, mal pôde contente de ser assim tão cedo arrancado a sonhos de santos glorificados. Viriam também os - Boa noite, venerando padre Wilson. Vinde anciãos e diáconos da igreja do sr. Dimmesdale, aqui para cima, eu vos peço, passar comigo e as jovens donzelas que tanto idolatravam o seu ministro, e lhe tinham erguido um altar em Santo Deus! ¿ O sr. Dimmesdale havia real- seus niveos seios, os quais, fôsse dito de pasmente falado? Por um instante acreditou que sagem, elas agora, com a pressa e a confusão, estas palavras lhe haviam realmente passado os mal teriam tido tempo de cobrir convenientelábios. Mas não haviam saído da sua imagina- mente. Tôda a gente, numa palavra, saïria, aos ção. O venerando padre Wilson continuou a catrambulhões, de casa e viria-se pôr-se à roda do minhar lentamente, olhando com cuidado para cadafalso, a olhar para cima com semblantes

a luz vermelha do oriente a bater-lhe na fronte? ¡Quem, senão o reverendo Arthur Dimmesdale, quási morto de frio, oprimido de vergonha, e de pé e imóvel no mesmo sítio onde Hester Prynne estivera exposta à execração pública!

Arrastado pelo horror grotesco dêste quadro, o padre, sem dar por isso, rompeu numa enorme gargalhada, de que logo depois sentiu infinito susto. Imediatamente lhe respondeu um riso leve, vivo, infantil, no qual, com um estremecimento do coração - mal sabia êle se de dor aguda, se de alegria não menos pungente - reconheceu a voz da pequenina Pearl.

- -Pearl! Pequenina Pearl! exclamou êle. depois de uma pausa momentânea; e em seguida, abaixando a voz: - Hester! Hester Prynne! Estais ai?
- Sim; & Hester Prynne! respondeu ela, em tom de surprêsa; e o padre ouviu-lhe os passos aproximar-se vindo do passeio que ela ia tri-Ihando. - Sou eu e a minha Pearl.
- -Donde vindes, Hester? perguntou o padre. - Que é que vos trouxe aqui?
- Tenho estado a velar ao pé de um leito de morte - respondeu Hester Prynne - o do Governador Winthrop, e tomei-lhe medida para uma veste; e agora vou para casa.
- Sobe para aqui, Hester, tu e a pequenina - disse o reverendo sr. Dimmesdale. - Já aqui estivestes ambas, porém não estive eu convosco. Subi outra vez para aqui, e estaremos todos três juntos.

Ela subiu silenciosamente os degraus, e parou na plataforma, com a pequenina Pearl pela mão. O padre procurou a outra mão da criança, e pegou nela. Logo que o fêz, uma corrente tumultuosa de vida nova, de uma outra vida que não a sua, lhe pareceu verter-se-lhe no coração e correr-lhe velozmente por tôdas as veias, como se mãe e filha estivessem comunicando o seu calor vital àquele corpo quási entorpecido. Formavam os três uma cadeia eléctrica.

- -Padre! murmurou a pequenina Pearl.
- Que queres, pequena?-perguntouo sr. Dim-
- És capaz de estar aqui com a m\u00e1e e comigo amanhã de dia? - perguntou Pearl.
- Não, pequenina, não respondeu o padre pois, com a energia nova que naquele momento recebera, todo o horror da exibição pública, que

há tanto tempo era a angústia da sua vida, de tinham tido. E ali estava o padre, com a mão não pudesse ter mostrado naquele ponto, luzindo repente lhe voltara; e tremia já das circunstâncias em que - embora com singular alegria -se encontrava neste momento; - não, pequenina. Estarei, em verdade, junto de tua mãe e de ti um outro dia, mas não amanhã.



Pearl riu-se e tentou retirar a mão. Mas o padre reteve-a com fôrça.

- -Mais um instante, pequenina! disse êle. - ¿ Mas tu prometes - perguntou Pearl - pegar na minha mão e na mão da mãe, amanhã
- -Amanhá não disse o padre mas noutra ocasião.
- -E que outra ocasião? insistiu a criança. - No grande Dia do Juízo - murmurou o padre; e, cousa estranha, foi a lembrança de que era seu mester ensinar a verdade que o levou a responder assim. - Nesse dia, e nesse lugar, ante o Juiz, tua mãe e tu e eu teremos que estar juntos. Mas a luz do dia dêste mundo não verá o nosso encontro!

Pearl tornou a rir.

Antes, porém, que o sr. Dimmesdale acabasse de falar, uma luz brilhou de lado a lado por todo o céu encoberto. Era certamente devida a um daqueles meteoros que o observador nocturno vê tantas vezes brilhar, até se extinguirem, nas regiões vazias da atmosfera. Tão intensa era a luz que iluminou completamente a densa camada de nuvens que se estendia entre o céu e a terra-A grande abóbada clareou, como a cúpula de um imenso candeeiro. Mostrou a scena familiar da rua com a nitidez do pleno dia, mas também com a estranheza que os objectos familiares sempre recebem de uma luz desacostumada. As casas de madeira, com os andares salientes e os telhados em bico, os degraus de porta e os pouco; o meio da rua, pouco vincado pelas alma! rodas, e, até na praça do mercado, ladeado de

sôbre o coração; e Hester Prynne, com a letra bordada a luzir-lhe no seio; e a pequenina Pearl, simbolo, também, e traço de união entre êsses dois. Ali estavam, no grande dia dêsse esplendor estranho e solene, como se fôra a luz que havia de revelar todos os segredos, e a aurora que havia de reunir todos que uns a outros pertencem.

Havia magia nos olhos de Pearl; e seu rosto, quando ela os erguia para o padre, tinha aquele ousado sorriso que tantas vezes dava à sua expressão um ar de malícia. A criança retirou a mão da do sr. Dimmesdale e apontou para o outro lado da rua. O padre apertou-lhe, ergueu os olhos ao alto.

outros factos naturais que ocorrem com menos que em tôdas as outras ocasiões tinha, de esconlua, como outras tantas revelações de origem sobrenatural. Assim, uma lança ardente, uma espada de chama, um arco, ou um feixe de setas, vistos no cêu da meia-noite, presagiavam guerra com os indígenas. Sabia-se que o príncipe dos demónios, que ali estava ao pê, uma peste fôra anunciada por uma chuva de luz vermelha. Cremos bem que nenhum acontecimento notável, quer bom quer mau, alguma vez sucedeu na Nova Inglaterra, desde que se fundou até os tempos da revolução, sem que os habitantes tivessem sido avisados por algum espectáculo desta natureza. Em alguns casos o tinham visto multidões. As mais das vezes, porém, a fé no prodígio assentava no crédito de uma única testemunha, a qual o vira através da sua imaginação, que lhe mudara a côr, lhe aumentara as dimensões e lhe alterara a forma, e depois, repensando-o, o definira com maior nitidez. Era, em verdade, uma idea majestosa a de que o destino das nações assim se revelasse, nestes sinais tremendos, na vasta cúpula dos céus. Tão grande pergaminho não parecia largo demais para que nêle a Providência escrevesse a sorte dos povos. Era esta crenca predilecta de nossos maiores, como testemunho de que a sua república incipiente se encontrava sob uma tutela celeste de considerável intimidade e estreiteza. Mas que julgar, quando um individuo, nesta mesma vasta fôlha de registro, descobre uma revelação que só a êle se dirige? Sòmente por sintoma de grande perturbação mental se poderá ter que um homem, tornado mòrbidamente atento a si mesmo por um longo, intenso e secreto sofrimento, tenha chegado a espalhar o seu egotismo sôbre tôda a extensão da natureza, até que o próprio firmamento nada limiares com a erva nova a rebentar junto dêles; mais lhe pareça que uma página própria para lhada. os quintais, com a terra negra revolvida de nela se escrever a história e o destino da sua

Só pela doença que havia nos olhos e no verdura de um lado e de outro-tudo se tornou coração do padre explicamos, pois, que êle, visível, porêm com uma singularidade de aspecto olhando para o zenite, ali visse a forma de uma que parecia dar às cousas dêste mundo uma letra imensa - a letra A - traçada em linhas mãe, amanhã de dia! interpretação moral diversa da que até ali sempre de luz vermelha baça. Não que o meteoro se

paço através de um véu de nuvens, porém não seria com a forma que lhe deu a sua imaginação culpada, nem com aspecto tão definido que a culpa de outrem não pudesse ter visto nêle um símbolo diferente.

Uma singular circunstância caracterizou o estado psiquico do sr. Dimmesdale neste momento. Todo o tempo que esteve a olhar para o zenite, teve, contudo, perfeito conhecimento de que a pequenina Pearl estava a apontar com o dedo para o velho Roger Chillingworth, que se encontrava a pequena distância do cadafalso. Parecia ao padre está-lo a ver com o mesmo porém, as mãos ambas sôbre o peito dêle e olhar com que reparava para a letra milagrosa. As suas feições como a todos os outros objectos, Nada mais vulgar, naqueles dias, que inter- a luz meteórica dava uma expressão nova; ou pretarem-se todos os fenómenos meteóricos, e porventura o físico não tivera então o cuidado, regularidade que o nascer e o pôr do sol e da der a malevolência com que fitava a sua vítima. Por certo, se o meteoro iluminou o cêu e mostrou a terra com um horror que avisava Hester Prynne e o padre do Dia de Juizo, podia Roger Chillingworth então passar aos olhos dêles por sorrindo com malevolência, à espera dos que haviam de ser seus. Tão vivida fôra esta expressão, ou tão intensa a percepção que dela teve o padre, que lhe parecia continuar ainda, pintada nas trevas, depois de o meteoro ter desaparecido, com tal evidência como se a rua e tôdas as cousas tivessem sido de repente aniquiladas.

> - Quem é aquele homem, Ester! - balbuciou o Sr. Dimmesdale, transido de pavor. --Tremo dêle! Conhece-lo? Odeio-o, Ester!

Lembrou-se ela do que jurara, e nada disse.

- Digo-to eu, minha alma treme dêle! tornou o padre a murmurar. - Quem é? Quem é? Não podes fazer nada por mim? Tenho um horror indisivel daquele homem!
- -Padre disse a pequenina Pearl -- posso dizer-te quem êle é.
- -Dize, pequena, dize depressa! disse o padre, baixando o ouvido até à bôca da criança. - Depressa, e o mais baixo que possas.

Pearl murmurou-lhe ao ouvido qualquer cousa que parecia, em verdade, linguagem humana, mas que apenas era uma algaravia como aquela com que as crianças tantas vezes se entreteem, falando juntas, durante horas e horas. Se acaso implicava alguma informação secreta acêrca do velho Roger Chillingworth, era dada em idioma que o sábio padre desconhecia, e não fêz senão aumentar a perturbação do seu espírito. A criança travêssa deu então uma garga-

- ¿ Então estás a fazer escárnio de mim? disse o padre.
- -Não fôste valente! não fôste verdadeiro! - respondeu a criança. - Não fôste capaz de prometer pegar na minha mão e na mão da

(Continua.)



livros e Escritores



por um simples impulso romântico e impensado que Eça de Queirós, ao inquirir uma finalidade na existência do Gonçalo Mendes Ramires da sua novela encantadora, o atirou para um dos longinquos prazos das terras moçambicanas... O cronista da Torre de Santa Ireneia mais não era, afinal e como quis o grande româncista, do que o simbolo vivo de todos nós, quasi perdidos por uma política sem finalidade patriótica, hibernantes forçados do Terreiro do Paço e vivendo o resto do tempo num degladiar de lutas estéreis enquanto vamos eructando as póstas relambidas das glórias velhas e dos exemplos antigos de são proveito, dos quais não tiramos nem proveito, nem glória .. Ocorrem-me irresistivelmente à memoria neste momento aquelas redondilhas do Camões, lembram-se?

Escrevem vários autores Que junto da clara fonte Do Ganges, os moradores Vivem do cheiro das flores Que nascem naquele monte.

... Simplesmente os povos da India a que se referem as Enneadas de Sabélico, iam vivendo d'alguma cousa que era regularmente positiva: nós é que nos temos andado a lograr uns aos outros, inutilmente, vai para um rôr d'anos! .. Mas, ao contacto áspero com as realidades, e transportados para longe dum meio tenazmente entorpecedor, a existência árdua em paragens sagradas por um esforço generoso e secular, a percepção nitida de português e de homem que tem de ser útil, totalmente nos modificam criando em nos hábitos de trabalho, idéas salutares, temperando defeitos possíveis de raça... É que, então, fala em nos, nessas paragens longinquas, a voz da Terra e dos Mortos!... Assim Gonçalo Mendes Ramires, assim todos quantos d'aqui fogem para terras de trabalho e de luta! ...

Vem isto a propósito dos dois belos livros que hoje tenho diante de mim, tão diferentes um do outro na sua factura, ambos porêm intimamente animados pelo propósito de bem servir. Refiro-me ao Pretos e Brancos do sr. Brito Camacho e à Africa Portentosa do sr. Gastão Sousa Dias. Repito: são dois belos livros, môrmente pelo intento que os anima, e Deus sábe com quanto prazer escreve estas linhas quem, como eu, tão distanciado se encontra por vezes do pensamento dum dos autores em questão, o sr. Dr. Brito Camacho... Mas, há que dizer a verdade. O livro Pretos e Brancos se, literáriamente, não vale os Quadros Alentejanos ou a Terra de Lendas do ilustre jornalista, —porque se trata dum simples diário de viagem, por assim dizer, feito com despreocupação e bom humor—vale muito para nos por nos mostrar que a política (pelo menos no seu sentido vulgar!) é a maior inimiga de quem deseja trabalhar; que as nossas colónias poderiam ser a salvação moral e económica da raça portuguesa e que esta, transplantada do Terreiro do Paço para o nosso Ultramar, seria inteiramente outra, dês que as citadas arcarias pombalinas fôssem arrazadas... Não me permite a indole desta Revista precisar melhor o meu pensamento e,

possivelmente também, o do sr. Brito Camacho... Seja tudo em desconto dos nossos pecados, meu ilustre camarada da imprênsa! Mas seja-me licito escrever que, apesar de não concordar com certas notas em demasia cruas do seu trabalho, o li com todo o agrado, dum só fôlego, sorrindo quási sempre com a maliciosa ironia das suas páginas, admirando a plasticidade da sua prosa em certas descrições, e lamentando ab imo pectore que os «intrigantes políticos das Colónias e da Metropole» em vez de terem inutilisado, a dentro dos viveiros da má-lingua, a personalidade literária do Dr. Brito Camacho não a houvessem antes deixado ficar em Lourenço Marques, no seu Alto Comissariado, aonde poderia continuar um trabalho útil e escrever livros que a gente lê sem favor, antes com o apreço que merecem! Este Pretos e Brancos, por exemplo, que acabo de fechar e que vou ler mais uma vez, se dá licença!

Quanto à África Portentosa do sr. capitão Sousa Dias, se igual é o intuito que a ditou, — o de tornar conhecido e de defender o nosso domínio colonial, — tem a caracterisá-la uma factura literária muito diversa da que anima o livro do sr. Dr. Brito Camacho. Este escritor, por mais que faça, não póde fugir ao seu temperamento d'ironista: mesmo quando o assunto seja gráve e severo, a ironia espirra-lhe irresistivelmente dos bicos da pena... Ora o sr. Sousa Dias, em quem nos apráz reconhecer verdadeiros méritos d'escritor, possue um estilo muito diferente, muito seu, aqui e ali temperado por



Brito Camacho

uma tonalidade de suave melancolia. Por vezes, as páginas cheias de vida e de verdade da africa Portentosa deixam aflorar uma nota de nostalgia pelo torrão natal do seu autor, para imediatamente se perceber que, êste, — quiçá exilado voluntariamente!— por completo se deixou absorver e dominar pela paísagem e pela vida do seu Lubango... Creio serem raros os portugueses, nas condições do sr. Sousa Dias, que não vivam entre estes dois sentimentos: o da saudade pela humilde térrinha que lhes foi bêrço e o do aferro aquéla aonde o trabalho e a lucta pelo pão quotidiano nos fizeram lançar raizes quasi indestrutíveis... E, pelo menos o que se depreende das belas páginas escritas pelo sr. Sousa Dias, impregnadas tôdas elas dum tom de lusismo que não esquece. É um formoso livro, esta frica Portentosa, e alguis dos seus capitulos,

cheios de côr e de verdade, são dum verdadeiro escritor. Citaremos por exemplo: Nos areais de Mossamedes, os dois capitulos de Crónicas africanas, O Padre Antunes e Da serra ao mar. Para um outro porêm desejariamos chamar a atenção de quem tenha o dever de ler livros dêstes; assim o intitulado: O districto de Huila e as cobiças estranhas, o qual, não desmerecendo literáriamente dos outros do livro, possue a mais o mérito de ser um aviso salutar que bem desejariamos vêr escutado e atendido por quem de direito!...

O sr. Henrique Costa neste Terra Mater com que, segundo nos parece, se estreia na literatura, dá-nos uma prova de que lhe não faltam por forma alguma os predicado necessários para vencer. É um temperamento de colorista, de retina facilmente impressionável e vibrátil: as suas páginas estão empapadas de côr e de luz, apenas desmerecendo um pouco pelo verbalismo a que o autor se deixa levar. Certos capitulos, como, por exemplo, A morte do Meão, deixam entrever um real temperamento de prosador que poderá ser alguém um dia, se para isso estiver, e quiser furtar-se a exagêros de estilo que, poro serem, estragam tudo muitas vêzes. Qualidades não faltam ao sr. Henrique Costa. O resto é com êle!

Quando Anatole France, falando a respeito do sr. Jaime de Balsemão, afirmou que êste sr. se guindaria nos tempos futuros às culminâncias da gloria, valha a verdade dizer que falou não como um livro aberto, mas um pouco a maneira das cartomantes que por ali intrujam as lisboetas bastantemente crédulas... Em primeiro lugar não acreditamos que o celebrado estilista gaulês houvesse lido jamais o sr. Jaime de Balsemão; em segundo, porque, de tudo quanto conhecemos do escritor em questão, nada nos autorisa a profetisar-lhe a gloria. É que, apesar de o sr. Balsemão tentar ser estranho e inédito, nas suas Memórias sem fim dum homem sem nome a gente o que encontra é coisas por denais lidas, pedaços de influência de muitos e variados autores, interpretações pouquissimo originais—se é que o são,—e, quando calha, personagens horrivelmente faladoras, situações que pretenderam ser artisticas e que não passaram além de simples pretensão. Sobretudo, o que choca profundamento neste livrinho é o artificio, a falta de sinceridade, o estirado da elocução, o puro verbalismo: não há maneira de, a valer, nos interessarmos! .. Porque não experimenta os r. Balsemão ser sincero? As vezes até mesmo na estravagância há sinceridade!

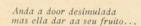
Mario Domingues, jornalista de talento da extrema esquerda, fez uma novela intitulada Emtre vinhedos e pomares na qual tentou defender os ideais que animam a sua vida de escritor. Perdoe o meu camarada de jornalismo que lhe digamos parecer-nos arrojada de mais a sua pretensão. Em primeiro lugar, os ataques que o seu revolucionário Carlos Martins faz ao catolicismo são deploravelmente sédiços e por demais refutados: simplesmente, havendo quem tenha estudado a vida inteira e concluido depois pela excelência daquilo que Mario Domingues ataca, êste meu camarada sem estudo necessário nem exigivel ponderação conclui pela condenação extrema e completa. Achamos arbitrário e duma injustiça feroz, duma intolerância rematada. Em segundo lugar, quer nos parecer história que no Alto Douro haja vinhateiros libertários; quanto muito há por lá o excelente rapaz que se chama Pina de Morais e que, sendo um au-

têntico temperamento de artista, em politica felizmente não vai além do regime republicano... Em terceiro lugar não há Maria Luísa nenhuma neste mundo,—sobretudo no Alto Douro—que se deixe levar pelos escrúpulos e ideas da sua heroina! Quanto à fórmula casamentífera por Mario Domingues preconisada—a união livre com desprêzo da Igreja e dos códigos,—as raparigas devotas dessa fórmula é que soem pa-

daquela joia aérea dava-lhe a ilusão de que êle era um soberano poderoso, o Rei de Cachemira: cem nayras em flor, catorze reis vencidos, as páreas triunfais de trezentas nações, enchíam-no de amor, poderio e gloria... Mas, um dia, quis analisar o sonho de que vivia... E com as mãos calosas, afeitas a carpintejar, agarrou a joia faiscante que diante dele bailava sob a chuva de oiro do sol... Depois...

Dissecou-a a tal ponto, e com tal arte, que ela, Rota, baça, nojenta, vil, Sucumbiu; e com isto esvaiu-se lhe aquela Visão fantastica e subtil.

São pois, sem mais analise, dignas de apreço as liricas da Saudade Minha. Quero acreditar que o sr. Guilherme de Faria tenha passado sinceramente para o papel a aza de melancolia que se agita no seu sonho, desprezando a obediência a sosismos que já passaram de moda. Quero mesmo crer que a doce tristeza de Bernardim tenha encontrado ecos sonoros no seu espirito. . Simplesmente ha que olhar a vida não apenas por um lado mas sim por todas as facetas do prisma que ela constitui. A tristeza, — dizem-no os teólogos — é, na maioria das vezes, coisa diabolica e julgo ter sido S. Francisco de Sales quem afirmou que, «um santo triste é, na verdade, um triste santo». . A primeira cousa que se deve procurar é o sentido de viver. Ora êste diz-nos que, se rasão há para lágrimas e aflições, grandes são também as alegrias que nos esperam. Examinadas bem as contas mesmo, as aflições e pesares maiores os torna a nossa fantasia, isto quando não é a própria mentira—tornada escola literária — quem se compraz em tomar ao pé da letra o pessimismo negro do Rei Sábio. Sofrer, chorar, são, na verdade, inerentes à natureza humana. Mas quantas coisas belas, quantas alegrias nos oferece também a mesma humana natureza!. . . Não acha que o sol é das mais lindas coisas que Deus pôs em nossas almas? E viver para tornar melhores os outros não será acaso uma fonte de alegria e o verdadeiro sentido da vida? Não procuremos pois com empenho a tristeza: esta virá muito bem sem que nós a chamemos. . Lá dizia Cristovão Falcão:



Silva Tavares tem na sua bagagem literária as mais formosas quadras ultimamente produzidas por poetas portugueses. Os seus livros, Quem canta..., Rosário de rimas, e Mais cantigas, contém dezenas de pequeninos poemas populares inexcediveis de graça e comovido sabor popular. Agora surge-nos este minúsculo volume Quem tem meninos pequenos... pelo poeta destinado aquelas das nossas leitoras que possuam a felicidade de ter miudos em casa... Creio que valerá bem a pena comprá-lo, tão comovido acento o anima, tanta singelesa de expressão reveste as suas quadras! O delicioso livrinho!...

Narciso d'Azevêdo, Octávio Marialva e Sacramento Monteiro, são três poétas que se julgam impregnados de paganismo simplesmente porque nos seus livros se prendem com têmas antigos da Hélade, enlevo da forma, ou culto da carnalidade extrema. Principalmente o primeiro, no seu livrinho A cigarra de Teócrito procurou reviver temas próprios dum árcade envolvendo-os a todos em rimas opulêntas. Trata-se evidentemente duma obrasinha que, não sendo banal, tem contudo um enorme defeito: o de não conseguir já hoje fazer vibrar os nervos de ninguém eficazmente. Pela parte que nos toca, embora reconhecendo reais qualidades no sr. Narciso d'Azevêdo, achámos trios os seus versos. Quanto ao sr. Marialva, se a vibração é maior, a fórma é muito descuidada e inculta. E pelo que respeita ao sr. Sacramento Monteiro—que é um poeta—se, como a nós, os versos insexuados lhe causam tédio, digamos também em abôno da verdade que isto de versos em que a mulher strva apenas de pretexto para exibições de carna-

lidade, bem mal parados deixa ficar os créditos do rei da criação.

tos do rei da criação.

O amor é apenas aquilo de que nos fala o sr. Sacramento Monteiro? Quê? não é mais nada? só o contacto de duas epidermes, como queria Chamfort? Então em que nos distinguimos nós dos porcos?

o sr. Dr. Antonio Iraizoz fez em abril passado uma formosa conferência no Teatro de S. Carlos, acerca da Ideologia de José Marti, um dos apóstolos da independência de Cuba. E essa conferência agora publicada em português que têmos deante de nós. Trata-se da comovida homenagem dum verdadeiro homem de letras a um dos maiores do seu país. Bem haja por isso.

Belissimo livrinho o que os srs. Carlos de Passos e Marques d'Abreu, sob o título geral de Arte Portuguesa, acabam de dedicar ao Porto. As palavras de que o primeiro dêstes srs. faz preceder as excelentes fotografías do segundo, são, embora um pouco rebuscadas, cheias de saber e de justiça, revelando por parte do seu autor conhecimentos d'história da arte e de arqueológia muito pouco vulgares.

Numa bela edição feita em Bombaim. e sob o título Literatura Indo-Portuguesa, enfeixou o sr. Vicente Bragança de Cunha alguns artigos seus que convém ler; segue-se a sr.* D. Maria Victória Teixeira que se apresenta com uma novelasinha Ecos da Tebaida, tôda ela vasada em moldes românticos e diluindo-se em considerações líricas possivelmente muito do agrado das suas leitoras de Faro; Lições de coisas, excelente trabalho pedagógico de Vincent Murché, que o sr. Rodrigues Migueis adaptou com tôda a inteligência e saber; Calucinações, do sr. Sil-vas-vas, drama para a arte do silêncio e que nos pareceu bastante arbitrário por vezes; Claridades siderais, do sr. Octávio Augusto, tudo em sonetos e aonde a par de versos muito aproveitáveis, há outros dum requincofismo detestável... Por último vem as Flóres do campo, do sr. Braamcamp de Barahona, péça rústica em um acto e em verso. Já aqui expusemos em



Carlos de Passos

tempos o que pensávamos àcerca do regionalismo em arte. A peçasinha do sr. Barahona peca por uma ingenuidade que nos pareceu muito forçada e, francamente, apesar de se passar no Alentejo, ao lê-la não nos foi dado sequer cheirar aquela provincia portuguesa, tão característica e cheia de magestosa beleza.

ALVARO MAIA.

Os livros enviados à nossa Revista, para referência nesta crónica, não devem vir subordinados a dedicatórias individuais.



Guilhermerde Faria

gar as favas: ao cabo de nove meses vêem-se os resultados pelas portas de cada qual e sem a assistência dos autores...

...Enfim, isto é uma simples opinião. Não me queira mal por ela... E, a-pesar-de inimi-go, venham de lá êsses ossos! Ou eu não tivesse a certeza de que você ainda me há-de dar razão um dia!...

Não é evidentemente a nós, simples ignorante de questões de psiquiatria, que competirá analisar a razão ou sem razão das palavras que o ilustre alienista sr. Dr. Luis Cebola pospoz a éste História dum louco. Cremos piamente que estejam certas. Mas, o que desde já poderiamos dizer é que nos impressionaram dolorosissimamente estas confissões duma desventurada criatura, êste espêlho fiel das lutas e misérias mentais por que passou a pobre alma do ignorado A. M!... De ha muito que não liamos cousa que tão profundamente nos abalasse, porque é a Via Dolorosa dum espírito enoitecido e, em boa verdade não ha, não houve nunca e nos não conhecemos noite pior que a do espírito!... E o motivo da impressão causada, está em que ali não existem artificios, ha simplesmente sinceridade ... Ah, a dolorosissima impressão que nos deixou este livro, esta história duma alma contada por ela própria!...

Estas Notas à lei do divorcio dos srs. Mario de Gusmão Madeira e Rui de Lima Pereira de Melo, julgâmo-las mais do que uteis a quem se dedique ao ofício de advogado. Nem sempre estamos de acôrdo com certas opiniões dos referidos anotadores, mas isso não impede que, a dentro dos nossos limitados conhecimentos de aprendiz de leis, recomendemos o livro a quem estude esta complicada e tenebrosa lei do divor-

Este livrinho do sr. Guilherme de Faria, Saudada minha, possui, em boa verdade, lindos versos... Confesso que me surpreendeu pelo tom de suave lirismo que nêle anda preso, pela sincera melancolia que o domina. As liricas de que se compõe ressumbram uma tristeza tão despida de artificio que, francamente, a análise crítica se recusa a intervir. Analisar é decompor e, na maioria das vezes, estragar. Lembram-se os senhores daquêle poleá de que nos fala Machado d'Assis? Um dia o desventurado viu bailar diante da sua miséria, sob um chuveiro de sol, certa mosca azul, azas de oiro e granada, mais rutilante que as pedrarias do Grão Mogol. A vista

A DRÍADE (FANTASIA PRIMAVERIL)

STAVA em plena floresta, sòzinho, medi-

Com meu olhar atento penetrava o grande flanco da Natureza.

Todo o bosque andava pejado de luz, rumorejante de ansejos vagos, e a Primavera, retoiçando a meus olhos, drapejava-se de verde, coroava-se de azul celeste, numa desenvoltura, em meio de um terno alarido de côres e de

Ela mais surgiu que chegou. Levantou-se-me ante o olhar absorto, tal uma formação espon-tânea e repentina, logo visional, grácil, mara-vilhosa, no meio de tôda aquela folhagem entrelaçando-se em opimo verdor.

Não vi — declaro-vos — que as folhas se sepa-rassem, sequer se agitassem, para deixarem passar aquele elegante corpo de mulher, duma

única, rítmica, desusada plástica.

Nenhuma intercessão se fez no bosque para destrinça do seu vulto. E, assim, a natureza não sofreu o minimo desligar na sua homogeneidade. O todo não se fragmentou naquele parto sem dor.

Seu airoso corpo, verde, dir-se-ia o de estátua animada, um bronze nu, banhado em tona lidades frescas, húmidas de vida. Seu olhar, luzente e glauco, de pupilas de violeta e pálpebras pintalgadas de orquidea, mal que o fitei, iluminou-se numa vibração musical de verde rútilo, para logo mudado em nuances de ouro e , sob a sobrancelha espessa, ruiva de

açafrão. Num esfranjar de lírio rôxo-tênue, batiam--the os cilios, dando a ilusão de desfazerem-se em flocozinhos de pólen, tal a asa ferida de borboleta, atirando o seu pôzinho côr de sol.

Os cabelos fartos, entretecidos em duas belas tranças do aspecto das folhas da vigândia, caiam--lhe à frente, por sobre as claviculas, até quási às rótulas, que eram formadas em cálices de nenúfares e de lótus.

Os lábios, um tanto grossos, carnudos, sensuais, compunham-se de tenridões de flôr de amendoeira, numa fusão de neve e rosa, e deixavam escapar um sorriso palpitante, imper-ceptivel quasi, um como continuo anélito de

Fitou em mim o seu olhar redondo e calmo, e, ao ver que eu a olhava, semicerrou as pálpebras numa delicia gulosa, amorosamente.

Estava há muito tempo ali, aquele delicioso corpo de mulher feito de verdor e perfume, nu e como suspēnso? Desprendera-se, naquele instante, no seu colorido de epiderme sem gradación semecial. dação especial, e apesar disso destacando-se

Não sei. Sei apenas que o via; que o meu olhar o contemplava como se de dentro de si para fora o formara, num vago encanto em que se embevecia, a um tempo criador e escravo da sua obra, obra alucinatória, quero crer, mas duma acuidade de visão, que dir-se-ia pura realidade, tal como em certos sonhos, que se têem uma noute, e, ao despertar, nos ficam na mente como enquadração fulgente e nitida da

situação mais vivida, mais real.

Preguntei-lhe de chofre:

— Viva, Driade, como está, passou bem? - Bôa e sásinha como minha máe-Natura.

E naquele tu havia uma acentuação de dengosidade tal, tão estavanada, que me pôs logo amoroso em fogo.

Palpitou-me o coração, em asas de chama; o olhar absorveu, bem como o ouvido, talqual uma esponja absorve a água, o todo e a voz da minha deliciosa interlocutora.

— Sabe, poeta? — adiantou ela, entre ceri-moniosa e ladina, como quem ordenava come-dir o meu amoroso arrebatamento — vivi já num cairel de luz, prêsa de raios de sol, mas sentia-me ali como num degrêdo. Não fazes idéa como estava ralada de saudades pelos meus

companheiros: meus faunos, ninfas, náiades, driades e sátiros!.

— Gosta então mais da terra e das folhas verdes que da luz?

- Sem dúvida, porque pertenco ainda ao grupo dos sêres que não são nem puramente imortais, nem completamente mortais, sou do reino da transformação. A minha vida natural é entre as auras e as flores. Vivo invisivel aos olhos dos mortais, e, só uma por outra vez, apareço aos olhos dos poetas, que são sêres que ca Sonho. caminham para a minha região - a do

- Ao que ouço, a driade não gosta muito do

convivio com os mortais?

— Pelas auras que passam e os zéfiros que correm, não digas tal! Seria não fazeres jus á minha delicadeza inata!... No convivio dos mortais eu sinto um prazer invulgar. Não sabes tu como e quando? Quando seus olhares me afagam, ou se a meu lado, sem que me vejam, remansam de amor ou sonham idilios. Mas, o meu maior prazer consiste em vê-los assistir, sem darem por isso, as airosas danças em que tomo parte como dirigente, com os sêres das minhas relações, ao ar livre: nas clareiras, ao luar, ou no seio das florestas, na poeira do

- Então, há uma sociedade invisivel, dotada duma vida estranha e palpitante, no seio das florestas, e que os mortais não conhecem?

- Que não conhecem, mas que pressentem, quási adivinham. Sabes muito bem mens falam da vida das ninfas, das náiades e de tantos outros sêres meus afins, sem que nunca os hajam visto. Ora, o que é isto de falar do que se desconhece senão antever?»

Falando assim, a driade tomava uns ares esfingicos, sonhadores.

Preguntei-lhe então, embora com certo emba-«Não poderia eu, driade, assistir a um desses bailes ?»

— De certo. E porque não? É mesmo esta a hora a que esses bailes se realizam. Convoquei, para hoje mesmo, um, aqui, no interior da flo-resta. Escuta!... Olha!...» Escutei e olhei. Fizera-se, súbito, um agre-

gado de ténues rumores distantes. Rodeava-me um esplendoroso luar. Tinham passado as horas como por encanto, e anoutecera sem transição.

Mas. o luar, o luar ... eu nunca vira assim um luar.

Eis, agora, um grande ruido se faz na folha-gem, ruido que aparta e rasga as folhas, que voam, e os tronquinhos, que caiem, e uma coréa de mulheres se mostra, umas verdes, de olhos glaucos; outras de carne da côr dos lótus; de madeixas ou tranças umas côr de sol, outras côr de luar, outras de violeta e outras de açafrão. E, de corpos todos nus, mas duma nudez pulcra, graciosas, purissimas, divinais, ei-las redopiando sem assentarem os pés no relvedo, tocando-os ao de leve pelas folhas e

Soou uma flauta de amor. Tangia-a uma ninfa corpo côr de aurora e tranças de glicinia, relanceando olhares de brilho tão raionante, que ia como aguando a floresta de luz suave, uma luz entre purpura e violeta. A cinta, leve e uma luz entre púrpura e violeta. A cinta, leve e delgada, era-lhe velada por uma găze luarina. E a música surgia, uma música vaga e lenta, de vibração suave e terna, penetrante como o perfume, avassalante como a luz do sol.

Era uma ária divina, vagamente coleante, música de sonho, qual o mais doce oboé com seu mixto de violino; uma melodia pura, entrecortada de flutissonantes acordes de harpa colia, a segredar sons como convulsivamente.

eólia, a segredar sons, como convulsivamente. Repente, aquela harmonia entre pagá e mis-

tica foi cortada dum forte estralejar de ramos, e um novo cair de folhas e desprender de tron-quinhos, vindo do lado oposto ao de onde tinham surgido as ninfas, mostrou, em correria louca, rompendo vigorosamente o pano da folhagem, um bando de sêres tostados de sol, todos côr de

barro, uns peludos, outros de epidermes luzi-

Alguns tinham cabeça e olhar caprinos, e uma barbicha singular, que se animava de mo-vimento próprio, quando gesticulavam. E os lábios de todos tinham também um movimento de vida própria, como remexendo por si. Tinham, outros, pés e pernas de gâmo, sendo o resto do corpo de sêres humanos, e possuindo um olhar insinuante, tão insinuante estivesse em constante magnetismo de amor.

les fitavam as ninfas, e estas os fitavam num olhar entre concentrado e calmo, denun-ciando um atrevimento franco, que me emba-

racava, ao olhá-las...

Formaram faunos e sátiros uma espécie de coréa muito sua, e dançavam, ora aos saltos bruscos, por entre a folhagem, ora lentissima-mente, correntios e calmos, por sôbre os ramos

Ia na frente de todos um sátiro idoso, mas robusto, tangendo uma frauta de Pan. E os sons dela combinavam-se tão bem com os da flauta de amor, que compunham uma harmonia maravilhosa, a cujas ondulações caiam, por sôbre as ninfas, esfolhando-se em chuva de pètalas, as flores inúmeras, que trepavam e se entrela-cavam nos mais altos ramos.

Eis agora a coréa dos sátiros e faunos rodeia a das ninfas, náiades e driades, ora envolvendo-a e ora penetrando-a, de modo que, a vezes, a ro-da exterior é de faunos, a outras, a interior é dêles e a exterior de ninfas. E assim, no redoora lento, ora vertiginoso, agora côr de barro por fora emoldurando as flores da carne; logo as floridas ninfas surgiam emoldurando a carne rude e térrea dos seus adorado

A um dado momento e a um grito áspero e silvano, soltado em unissono por todos aqueles sêres estranhos, faunos e ninfas se entrelaçam aos pares, redopiam fortemente unidos, numa vertigem de dança louca e scintilante. Depois, uma chuva de ruidos dispersos ecoou pela floresta, num estoirejar de risos, uma granisada de beijos, e cada fauno e sátiro, arrebatando nos braços possantes a sua ninfa ou náiade ou driade, penetrou com ela no mais espesso do verdor.

E a floresta abria o seu pano verde, que atrás de cada par se fechava; e o granisar de ruidos diminuia distanciando-se; e a música das flautas não era já mais que um flutissonar vago.

muito vago ...
Depois, o silêncio, um silêncio pesado, pro fundo, como se não soprasse a mais tênue aragem, e nem um só insecto, quanto mais uma

unica ave. existisse.

Fitei tudo, ao redor, e, em dado momento, atrás duma luzerna da folhagem, vi dois olhos redondos, glaucos, luminosos, a sobressairem de pálpebras pintalgadas de orquidia e de violeta, movimentando os cílios num esfranjar de pólen côr de lótus, e uns labios de fôgo-laca e arrebol, que me sorriam mostrando uns dentinhos gulosos, de tenridões neve e rosa de flor de amendoeira. Ela!

-Boas noutes, driade! - lhe disse, pois reconhecera — pudéra! – a minha interlocutora. E ela, esfuziando nos olhos uma espécie de

cólera amorosa, o olhar muito iluminado, mais ainda que de costume:

- Porque não serias tu antes um fauno, poeta!

Cerrou o pano verde do arvoredo, desaparecendo, numa argentina risada mixta de flauta de amor e de Pan.

E então, eu pensei, só, silencioso e como enfartado dum imenso tédio, um colossal pesar:

— Sim... Ela disse bem, a bela Dríade. Por-

que não seria eu antes um fauno!.. Ah! por-que, vendo eu tão de perto toda aquela sociedade oculta da floresta, a ponto de poder tão nitida-mente descrevê-la, porque antes um fauno eu não seria?!...

EUGENIO VIEIRA



TEATRO NACIONAL

Reabrindo as suas portas para a época de verão, o Teatro Nacional fez um milagre: — restituiu Ilda Stichini como um filho pródigo, ao seu verdadeiro lar artístico.

A convite de Alexandre de Azevedo, a gentilissima actriz voltou, com efeito, a pisar as veneráveis tábuas, embora numa peça anódina dum dramaturgo obscuro do ante-guerra.

Não se pode, em verdade, afirmar que neste passo a Gasa de Garrett tenha, como no passo da Biblia, imolado o seu vitelo mais gordo e pendurado à soleira da porta festões de mirtoe de rosas.

A mesma lepra do desmazêlo e da penúria, como dantes, lhe corrói os muros e lhe entulha os bafientos porões. Os mesmos escalavrados soalhos sem tapêtes, o mesmo lamentável scenário d'àquem e d'além ribalta, o mesmo arripiante desconfôrto dos tempos imemoriais, atestam e proclamam bem alto que no nosso primeiro teatro, espêlho e nata das responsabilidades do Estado, não há o hábito dos dias fastos nem o gôsto da galantaria.

Alega-se, decerto, que a canícula tudo perdôa e desculpa. Com efeito, nesta quadra em que os corpos e as almas andam ao léu, tudo é ligeiro e sem cuidados. E só assim dalgum modo se explica que o regresso da talentosa artista à scena do Nacional não houvesse sido, como de justiça, celebrada com tôdas as honras.

Herdeira espiritual da grande Rosa Damasceno, com sua voz de oiro puríssimo, seu potencial de irradiante e luminosa ternura, seu rico galbo de feminino encanto, e sua portuguesissima simplesa de maneiras, Ilda Stichini merece pem que se lhe faça um lugar de eleição na baralhada tabuada dos valores actuais da scena portuguesa. Ela tem sido a Desdemona lilial e branca do drama torpe e sombrio que é a história do nosso teatro dos últimos anos. Como um raio de sol matinal, onde ela entra tudo alumia e transfigura. E em muitos pedregosos caminhos ela tem feito desabrochar as rosas, e em muitos desertos adustos ela tem sido a palmeira e a fontainha de oásis.

Quando Portugal voltar a ser uma pátria europea e não uma mera expressão geográfica, à margem da Cultura, da Civilização e da Beleza, o nosso Teatro, na sua essência literária, como na sua realização plástica, renascerá das cinzas contemporâneas.

Mas o nosso teatro, dum dinamismo por via de regra ingénuo ou rectilíneo, todo tecido na trama pobre dêsse lirismo ingénito que já nos bons tempos d'El-Rei D. Dinís fazia de Portugal, por excelência, a pátria dos que

Lloran de puro amor

o nosso teatro, repetimos, por mais voltas que o mundo dê ou por mais contrários que os ventos soprem, há-de necessáriamente trasbordar sempre de ternura, de piedade e de emoção,



(Cl. S. Nogueira) Ilda Stichini

para que logre acordar nas platéas o éco simpático e a vibração unisona dos seus entusiásmos estéticos. Não se lhe exija outra medula nem outra substância. A conformação psíquica do português é tôda de sentimento e de emotividade. E mais do que nunca, nestes tempos fuscos de decadência, pelos seus desvios de sensibilidade, pela sua morbideza sensual, pelos seus relaxamentos de vontade e de razão, o seu espírito é tão naturalmente inclinado à piedade e à ternura como é impermeável à inteligência, à reflexão e à ironia.

Sempre os artistas de imaginação e de vôo lírico foram, em prejuizo dos outros, os ascetas

Mas o nosso teatro, dum dinamismo por via do pensamento ou do saber, os grandes animaregra ingénuo ou rectilineo, todo tecido na dores e os grandes idolos populares.

> E um comediante, de resto, como o orador e o poeta épico, deve, antes de mais nada, ser um animador de multidões.

> Por isso Ilda Stichini tão depressa conquistou, sem aparente esfôrço, um dos primeiros postos na scena portuguesa. Por isso há que contar com a gentilissima artista para a renovação do teatro português. O seu natural talento, a sua clara intuição, a sua inconfundivel graça feminil e o seu potencial de simpatia humana, se, em qualquer latitude lhe teriam sempre assegurado um posto de eleição, com dobradas razões lho assinalaram há muito nos domínios característicos do nosso teatro, tão rico de sol, de paixão e de tôdas as melancolias do sul e da raça.

Estamos em plena canícula, e por ora não há que dizer.

Mas antes de três escassos meses, o inverno e as suas obrigações mundanas virão bater-nos à porta, com os primeiros frios.

Os teatros reabrirão para a campanha de inverno. Constituir-se-hão os elencos. Organizar-se-hão reportórios.

E o Teatro Nacional? O que pensa o Estado fazer dêle?

Finda a actual temporada, o que espera o providente Estado fazer do imponente edifício que o poeta da «Dona Branca» com tantas canseiras fez erguer desde a primeira pedra?

Ilda Stichini e Alexandre de Azevedo já de facto o ocupam e honram. Quando se lhe juntarão, porém, outros nomes, de igual prestigio artístico, para que o velho teatro definitivamente se integre na sua nobre e salutar função social?

Todos os trabalhos e esforços que neste sentido se empregaram para obter do Estado alguma coisa de positivo, em face da penúria do Tesouro parecem ter fracassado.

Mas urge tomar providências. Com o que nos resta de artistas de incontestável mérito pode ainda constituir-se um núcleo homogéneo, de responsabilidade efectiva, e com uma fôlha já gloriosa de serviços ao teatro.

Êsse seria o núcleo a ocupar de direito o Teatro Nacional.

Porque não é êsse o critério fundamental a adoptar para o futuro regimen de exploração?

R.

RIQUEZAS NATURAIS DAS COLÓNIAS PORTUGUESAS



Trigo: Campo experimental próximo de Chinguar, no Bié

E o povo português tivesse uma noção exacta do valor económico das suas possessões ultramarinas, se êle conhecesse messa de prosperidade no futuro? as imensas riquesas naturais que elas encerram, certamente que teria uma mais profunda fé nos destinos da raça, no futuro do país e na nossa missão criadora através a história futura, que há de ser uma sequência natural da do passado.

Porque tantas cubicas serpenteiam em tôrno

terra, espalhados po todo o mundo, que atestam uma epopeia inegualada no passado e uma pro-

marinas?

do valor

dêsses pe-

daços de

Fôssem elas inhóspitas e estéreis como o são as regiões visinhas dos desertos de Sahará e do Kalahari - e pelas quais, aliás, algumas nações fazem bem dispendiosos e bem improdutivos sacrificios - que nenhumas ambições perderiam tempo em tecer, em nosso redor, aquela intriga

de Angola, internacional que nos enche o caminho de obstáde Moçam- culos e entrava o progressivo desenvolvimento bique, da das colónias portuguesas. Guiné, de

Missões de estudo inglesas, alemás, italia-Timor, de nas, teem percorrido Angola e Mocambique, de Cabo Ver- lez a lez, e tôdas elas afirmam a existência dum de, de tô- solo rico, dum humus cheio de vitalidade, duma das as nos- fáuna própria, riquissima em oleaginosas, em sas provin- resinas de tôda a espécie, em frutos saborosiscias ultra- simos e ricos sob o ponto de vista alimentar.

Porém, não são só os produtos da zona tro-Não se- pical que ali encontramos, mas também os prórão essas prios das zonas longi-equatoriais e até das zonas cubiças a temperadas. É o café, é o açúcar, o tabaco, o afirmação cacau, o algodão, cuja produção de superior bastante qualidade vai dia a dia aumentando devendo vir a atingir cifras importantissimas e garanintrinseco tindo-nos uma situação futura de destaque nos mercados mundiais.

> Mas nalgumas das nossas colónias, nomeadamente na de Angola, outras culturas são ainda possiveis, as quais contribuirão duma forma directa e decisiva para a resolução da crise metropolitana.

> Referimo-nos ao trigo e ao milho. Este último è ja hoje produzido tanto em Moçambique como em Angola, em quantidades bem apreciáveis, dando lugar a uma exportação no valor de muitos milhares deccontos. Como a sua cultura



Um lote de cem bois prontos para a venda

è feita, em regra, pelos indígenas, e o seu transporte para a Metrópole é moroso, acontece que, por falta da conveniente limpeza e arrecadação, é, muitas vezes, atacado por parasitas que o corroem e destroem.

Esse inconveniente em breve desaparecerá em Angola, pois que sendo o milho desta província quási todo produzido no planalto de Benguela, terà como natural escoante o porto de Lobito, onde se estão construindo silos monumentais, providos de aparelhos de limpesa e separacão dos grãos.

Quanto ao trigo, êsse cereal que tão grande papel desempenha na alimentação e que tão funestamente actua no valor cambial da moeda portuguesa, o problema da sua produção nas

Mas não è só sob o ponto de vista agrícola que as nossas colónias representam verdadeiros mananciais de riquezas. Também pecuariamente elas se nos apresentam como um vasto campo de exploração, capaz de tentar os mais retraidos e medrosos capitais.

A Ilustração apresenta hoje uma documentação gráfica que comprova o que afirmamos.

Para apenas nos referirmos, por agora, a Angola, diremos aos nossos leitores que, tanto no centro como no sul desta riquissima provincia, há uma extraordinária abundância de gado bovino. O que convém é seleccionar as espécies, afim de obter melhores produtos e derois, conseguir por determinados cruzamentos, revigo- diremos que esta espécie animal se tem desenrar essas espécies.

aliás o de Moçambique, manifesta um grande gôsto e até uma certa aptidão para se dedicar á criação do gado, sendo este a base das suas economias e o valor único das suas pequenas fortunas.

Também o gado ovino e caprino se pode desenvolver nas nossas colónias, principalmente este último, mas, por enquanto, apenas algumas tentativas teem sido feitas, sem que possamos firmar os seus resultados. Em todo o caso, è de notar que uma emprêsa italiana que estudos fez nêsse sentido, se propõe explorar em Angola a criação de carneiros de lá fina.

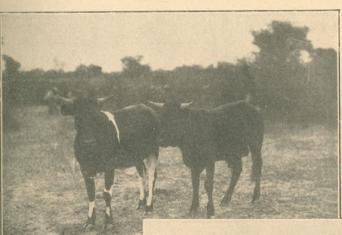
Não querendo deixar de falar no gado sumo, volvido em Angola de uma forma bem sensivel.

Não è sòmente o colono quein habitualmente, em cercado próprio, cria êste valiosissimo animal, tão útil e tão apreciado na alimentação. O próprio indigena gosta de criar o seu porco, engordá-lo e fazê-lo procriar. E não raro è encontrarmos sanzalas onde alguns exemplares desta raça se apresentam gordos e bem tratados.

Dada a facilidade com que a espécie suina se adapta a qualquer alimentação, vê-se quão fácil será aproveitar para êsse fim os frutos de tôdas as variedades nutritivas que em Angola abundam, principalmente aqueles que maior quantidade de matéria azotada possuem.

Também outra espécie animal, profusamente dispersa, tem uma primacial importância na alimentação do europeu: a saborosa galinha do mato, com os seus ovos.

Longo seria o explanarmos aqui a série de riquezas que



filhos do mesmo touro (Idade, I ano)

colónias entrou francamente no campo das realizações.

Depois de dispendiosissimas e demoradas experiências para a selecção das variedades de sementes adaptáveis á cultura nas terras dos planaltos de Angola, expêriencias feitas pela Companhia Agricola e Pecuária de Angola, conseguiu-se fixar quais as espécies proprias do clima e do regimen de chuvas, capazes de resistirem ao terrivel flagelo da ferrugem.

As primeiras colheitas fo-

ram uma afirmação e não apenas uma promessa. Hoje poderemos contar, dentro de meia dúzia de anos, com o trigo de Angola para cobrir o déficit da produção metropolitana e até para fazermos uma importante exportação para o estrangeiro.

Oxalá que, seguindo o exemplo daquela companhia, as emprêsas que hoje trabalham em Angola e as que, porventura, venham a organizar-se, prossigam na cultura do trigo e transformem a selva de denso capim em belos trigais verdejantes.



Um lote de gado indigena seleccionado -- Vacas e crias com alguns pastores

Essa obra de selecção foi iniciada pela já as nossas colónias abrigam no seu seio; só a citada Companhia Agrícola e Pecuária e pelas pouco e pouco o faremos, para que sejam devinossas gravuras se poderá verificar a existência de alguns exemplares dignos de registo.

estão procurando apartar as boas castas e, assim, já hoje umas centenas de milhares de cabeças de gado bovino constituem organizadas manadas que dentro de alguns anos terão decuplicado.

E' de notar que o indigena de Angola, como

damente conhecidas e apreciadas.

Só assim teremos uma noção exacta e cons-Outras emprêsas e alguns lavradores do sul cienciosa do valor intrínseco dos vastos domínios coloniais portugueses. E também só assim obteremos a explicação dos vôos de abutre que internacionalmente se desenham em tôrno de algumas das nossas colónias.

Capitão Virgilio P. Costa.

PASSATEMPO

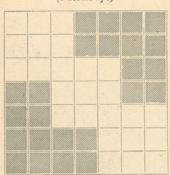
PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do 14.º número)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	to	11	12	13	14	15	16
1	A	Т	A	R		W///.				W///.		* ////////////////////////////////////	С	A	E	S
2	U	R	1		D	A	S			P	A	S		Т	R	1
3	D	A		D	E	S	E	S	P	E	R	E	S	111/2	Α	L
4	A	S		0	3		C	0	A	S	%		C		S	E
5	С			M		C	A	N	Т	A	R		1	3		N
6.	1			A	P	0	S	S	A	R	1	Α	S	**		С
7	0			R	E	U	S		****	1	S	S	0			1
8	S	W///		1	N	٧	E	N	Т	A	S	S	E			0
9	0	U	*****	A	Т	E	1			7	E	1	S		E	S
10	S	P	Α	W///	E	3	В	0	L	A	% /////	M	300	Т	1	0
11		A	L	1	***	P	0	D	E	1	S	***	C	0	S	
12	1111	W////	1	R	A		M	E	1	Α	W///	S	1	M		******
13	7		W///	A	0						*****	E	M	%		W///.
14	٧	A	E	S	W///	E	M			A	S		0	R	A	R
15	A	1	S		A	S	A			R	1	0		Α	L	A
16	E	S	W////	T	U	*		*			W////	S	A	W ///	A	S

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo)



S 0 0 0 0 В В VE E R R RR C C H UU A 1 1 M

Definições:

Debaixo. — Forma antiquada de ovelha. —
Onde as crianças dormem. — De mau coração
— Não está cosido. — Atrever-se. — Advérbio do

lugar. — Uma parte do corpo.

Senhora de idade, passando por um rancho de garotos: — Santo Deus! Nunca ouvi semelhante linguagem desde o dia em que nasci.

Um dos garotos: — Ah! então rogaram muitas pragas quando a senhora nasceu?

TEMPO BASTANTE

Poucas semanas antes de completar o seu centésimo aniversário, o célebre escritor francês Fontenelle estava na Ópera quando um inglês lhe entrou no camarote e disse: Vim de Londres expressamente para ver o autor de Thétis e Peleus.»

— «Meu caro senhor — replicou Fontenelle — tenholhe dado bastante tempo para isso.»

Aconselhavam a Filipe da Macedónia que exilasse um homem que gracejava à sua custa com mordacidade, mas ao mesmo tempo com espirito.

— Terei todo o cuidado em nunca fazer tal — respondeu Filipe — porque êle iria pelo mundo fora dizer as cousas que só diz aqui.

Conta-se de Molière, que tendo estado uns dias de cama, doente, alguem lhe mandou um médico para o tratar e que quando êste chegou, indo o criado anunciá-lo, Molière disse ao criado: «Dize-lhe que não estou bem de saúde e que não posso receber ninguem.»

Ruy: - Meu tio Carlos, há cinco anos que não corta o cabelo.

Lionel: — Sim? Não sabia que tinhas um tio excêntrico.

Ruy: - Não é excêntrico, é calvo.



Éste cavalheiro está chamando pelo criado. Onde estará êle que não aparece?



Dize-me ca, como te das com teu marido?
 Perfeitamente! Olha, não sei mesmo como isto é, mas sou eu sempre que tenho razão.

AS DAMAS COROADAS

(Solução)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

4 sôbre 1, 6 sôbre 9, 8 sôbre 3, 5 sôbre 2, e 10 sôbre 7.

AS DEZASSEIS PEDRAS

(Problema)

Como se podem colocar num tabuleiro de damas dezasseis pedras de forma que só duas, e nunca mais do que duas, fiquem em linha recta quer diagonal, horizontal ou vertical?

No Club.

O massador: — Você havia de ver o meu pequeno. Está um perfeito rapazinho. Há já três meses que anda.

O cinico: — Oh! À roda do mundo, não é assim?

MOTIVO PARA RISO

Ligório: — Aposto que posso olhar para a tua cara, sem rir, mais tempo do que tu podes olhar para a minha.

Tiburcio: — Olha, também eu aposto que podes. Basta a tua cara ser muito mais cómica do que a minha.

O INSTITUTO ROCHA CABRAL



Edificio onde esta instalado o Instituto

À quatro anos faleceu, em Lisboa, Bento da Rocha Cabral, rico trasmontano que angariara no Brasil a sua avultada fortuna, deixando testamento em que determinava que a maior parte dos seus bens fôsse destinada à criação de um estabelecimento de investigação scientífica que tivesse o seu nome.

Foi um acto sem precedentes no nosso país. Os donativos e legados de interêsse geral são atribuidos por portugueses a instituïções de caridade, principalmente religiosas, e, em menor grau, a estabelecimentos de ensino. A utilidade dos institutos de investigação scientífica não é, podemos dizê-lo, reconhecida pelo povo português, como o é, por exemplo, pelo povo norteamericano. Por isso a disposição testamentária de Rocha Cabral constituiu uma surpresa para a nossa gente culta, para quem justamente se tornou grata e respeitada a memória do nosso benemérito compatriota.

No testamento havia ainda a notar como interessante o ser cometido ao dr. Ferreira de Mira o encargo de instalar o novo estabelecimento de insvestigação scientífica, visto não haver entre os dois relações pessoais e o testador só conhecer o dr. Ferreira de Mira pelos escritos dêste publicados no jornal A Luta.

Recolhida a herança, declarado o Instituto de utilidade pública nos termos das leis em vigor, aprovados os respectivos estatutos, foram efectuados os trabalhos de instalação que se realizou na antiga Calçada da Fábrica da Louça, hoje Calçada Bento da Rocha Cabral, no prédio que foi residência do testador.

da, pois só estão em obras alguns anexos situados na cêrca do edifício principal. Foi naturalmente dispendiosa, pois todo o prédio teve de ser consideravelmente modificado, acrescentando-se-lhe ainda um andar e alargando--se para a cêrca o pavimento principal. No entanto, os rendimentos correntes e os acumulados durante o tempo gasto na liquidação da herança foram suficientes para essas despesas e para a compra de mobiliário e de material de laboratório. O capital legado por Rocha Cabral mantem-se intacto, o que assegura ple-

namente a vida desafogada do seu instituto.

Na sua disposição testamentária Rocha Cabral apenas determinou a criação dum estabelecimento de investigação scientífica, sem indicar sôbre que sciência ou sciências devia incidir essa investigação. A escolha, porém, que fez do dr. Ferreira de Mira para a execução dessa sua vontade, levou a supor que fôsse seu pensamento a investigação no domínio das sciências biológicas, nas quais a pessoa escolhida tem oficialmente competência pela sua situação no

A instalação pode dizer-se completada, pois só estão em lógicos, por acôrdo do Conselho Administrativo edo Edifício principal. Foi naturalmente dispendiosa, por êles escolhidas e de reconhecida idoneidade.

Vale a pena visitar o Instituto Rocha Cabral, que trabalha já desde Novembro passado, embora não estivessem nessa data terminadas as obras de instalação. É agradável o edifício, mesmo pelo seu aspecto exterior, e os laboratórios, espaçosos e bem iluminados, asseguram aos investigadores aquele grau de comodidade no trabalho, sem o qual êste pesa, entristece e repugna.

Na primeira sessão do ano corrente da secção portuguesa da Sociedade de Biologia de Paris, foram apresentados os primeiros cinco trabalhos realizados no Instituto. Outros se lhes seguiram, sendo de esperar que no ano próximo o Instituto possa iniciar a publicação dos seus «Arquivos», em lingua francesa. Ao mesmo tempo publicará anualmente, o que é sua obrigação estatutária, um relatório administrativo e de trabalhos scientíficos, em português, que será largamente distribuido. O primeiro relatório, referente à fundação do Instituto e trabalhos realizados até 31 de Dezembro de 1925, está presentemente a imprimir.

O Conselho Administrativo é actualmente presidido pelo sr. coronel Craveiro Lopes de Oliveira, tendo como vogais os srs. João Moniz Pereira, Guedes de Matos e capitães Denis Sampaio e Costa Santos. Trabalham como investigadores, além do director do Instituto, os srs. dr. Simões Raposo, prof. Loço de Carvalho, Ferreira de Mira, filho, prof. Celestino da Costa, dr. João Calisto e engenheiro-agrónomo Silveira. Trabalhava também no Instituto o ilustre naturalista Carlos França, falecido há poucos dias



Um dos laboratórios do Instituto



SANTO TIRSO DE RIBA D'AVE

UEM haverá que, trazido um dia, pela mão caprichosa do acaso, a peregrinar por estas bandas e demorando nesta venusta vila por poucas horas que seja, se afaste dela sem levar os olhos cheios de visões fagueiras e a alma bem atestada de sati-

Recrutados entre a gente mais ilustre, tem ela sabido conquistar inúmeros admiradores e entusiastas panegiristas, tais como Alberto Pimentel, o polígrafo tão estimado, que sobre ela escreveu uma monografia muito carinhosa, e o próprio Camilo, o formidável Camilo, de quem, aliás, poucas ou nenhumas vilorias ou aldeias eram desconhecidas nestas para-

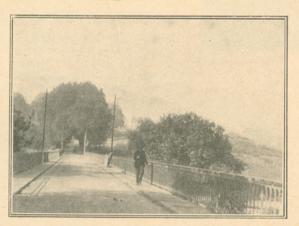
A 24 quilómetros ao norte da cidade do Porto, a origem da povoação, em face do que històricamente foi possível documentar-se, prende-se à do mosteiro ali edificado, em época tão remota que autores há que não hesitam em atribuir-lhe a qualidade de templo romano, na sua fase pri-

Este mosteiro, tendo sofrido várias reconstruções, a principal das quais em 1650, é notável pela sua vastidão e pela solidez dos alicerces. A fachada do edificio deita para um espaçoso largo, que tem ao centro um belo cruzeiro de mármore roseo.

Êsse claustro, a parte mais antiga do edificio, com os seus quatro lan-

ços abertos em arcos, ofe-rece a particularidade dos ornatos dos capitéis das colunas que os sustentam. Em relêvo, que seria ar-rôjo dizer perfeito, des-cobrem-se nêles imagens curiosas, como harpias, rostos de gente da moirama, leões e outros ani-mais. No meio do claustro existe um chafariz de pedra, talvez do primeiro quartel do século xviii, enriquecido com escultu-ras não desprovidas de

A parte moderna da vila não tem de que se envergonhar à vista da doutros povoados que se gabam de progressivos: há nela muitas moradias confortáveis e denunciando, pela sua fisionomia, o bom gôsto dos proprietários.



A ponte sôbre o rio



O edificio do Tribunal

Muitos dos seus melhoramentos, promoveu-os o benemérito conde de S. Bento, de quem os naturais, agradecidos, perpetuaram a memória, numa estátua.



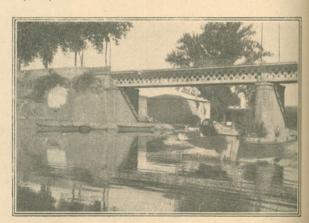
Vista do Ave e da Igreia Matriz

Assente embora em terra duriense, segundo a obsoleta divisão do pais em provincias, Santo Tirso parece, pela exuberância e frescura dos seus campos, pelo seu viçoso arvoredo e pelo ar alegre de tôda ela, pertencer já ao Minho ajardinado e risonho.

Muito contribui para essa graça bucólica o rio Ave, que lhe passa rente e toma jeitos de a cortejar, como pagem enamorado aos pés de formosa infanta. O povo, que não ignora quanto as águas do Ave influem na beleza da sua terra, canta assim:

> A agua do rio Ave Passa por baixo da Ponte Quem quiser o cravo verde, Ponha-lhe a rosa defronte.

Nesta época tórrida, em que é de bom consêlho ir em demanda de estâncias arejadas e pitorescas, Santo Tirso pode e deve ser um dos
pontos preferidos. Nada lhe falta para prender
o veraneante. Para mais, celebram-se lá neste
Agosto, nos días 7, 8 e o, as tradicionais festas
da vila, que dáo brado muitas léguas em redondo. Desconheceis ainda a comunicativa, a saŭdável alegria que vibra
nas folganças minhotas, e que tanto encantava Ramalho Ortigão? Pois
ide a Santo Tirso, nestes célebres dias de Agosto, em que as Marias e
os Manéis póem lá tudo aquilo em alvorôço, nada afectando esta tonalidade pagá a gravidade das cerimônias religiosas que constituem o motivo principal das tradicionais festas de Santo Tirso de Riba d'Ave.



O Cais «Jeão Pimentel»

05

PRIMEIROS NO AR

TODOS os grandes vôos efectuados pelos "Azes" Europeus da aviação foram levados a efeito com a Gazolina **SHELL**, de aviação, vulgar sem qualquer outro preparado.

vôos	DATA	MILHAS	GAZOLINA
O primeiro vôo atravéz o Atlântico O primeiro vôo do Cairo ao Cabo O primeiro vôo de Londres ao N. de África . O primeiro vôo da Holanda à Batavia A primeira tentativa ao Polo Norte Mais do que a volta ao mundo pelo aviador italiano De Pinedo	1920 1924 1924 1924	1.880 6.281 1.300 6.580 -	SHELL SHELL SHELL SHELL SHELL

A Gazolina **SHELL** para automóveis, vendida em Portugal, contém exactamente os mesmos elementos do que a Gazolina **SHELL** tipo aviação mas em proporções ligeiramente diferentes. Na Gazolina **SHELL**, tipo aviação, estes elementos estão na proporção exigida pelos motores aéreos; na Gazolina **SHELL** para automóveis estão na proporção precisa para responderem aos quesitos dos motores de automóveis e motocicletes.



THE LISBON COAL AND OIL FUEL COMPANY



M. d. F. PARA O CABELO

Loção fortificante e regeneradora, indispensavel para limpeza, aformosea-mento, conservação e desenvolvimento da cabeleira

FRASCO GRANDE 20500 FRASCO PEOUENO 14500 VENDA POR GROSSO

Agentes depositarios: J. DELIGANT, L.da 15, RUA DOS SAPATEIROS - LISBOA

misturada com o leite é o alimento o mais agradavel e o mais recommendado para as creanças desde a idade de 7 a 8 mezes sobretudo ao momento da ablactação e durante o periodo da crescidão.

Util aos estomagos delicados, aos velhos e aos convalescentes.

Maison CHASSAING (G. PRUNIER & C14), 6, Rue de la Tacherie, PARIS





de boa saude

As más digestões e a prisão de ventre são prejudi-ciaes á pureza do sangue e, consequentemente, á frescura da pele.

O uso regular do Eno, verdadeiro Sal de Fructa, com uma reputação mundial de mais de 50 anos, corrige as perturbações digestivas e combate a prisão de ventre.

ENO'S "Fruit Salt" purifica o sangue ao mesmo tempo que limpa o intestino, e ajuda, portanto, a conservar a frescura da pele, melhor adorno da beleza.

Uma colher das de café, num copo d'agua, de manhã e á noite.

Depositarios em Portugal:

Robinson, Bardsley & Co. Ltd.

8, Caes do Sodré, Lisboa.

As palavras "Fruit Salt" - "Sal de Fructa" e "Eno", assim como o rotulo, são marcas da fabrica registadas.



conservar com vida as suas recordações mais gratas, vêr desfilar no écran as pessoas que lhe são mais caras, os filhos, a espôsa ou o marido e os amigos, dar em sua própria casa uma sessão de cinem a,



CINÉGRAFO "BOL"

a única máquina cinematográfica de amador que dá inteira satisfação.

O CINÉGRAFO "BOL" FILMA, faz a projecção FIXA e ANIMADA, tira fotografias, amplia-as e tira os positivos, usando a película dos cinemas públicos. Projecção nítida e perfeita até 10/15 metros de distância.

Agente em Lisboa:

Agente no Porto:

Julio Worm, Rua da Prata,

Bazar Fotográfico, Rua 31 de Ja-



Concessionário exclusivo para Portugal e Colónias: J. A. Proença, Rua do Rosario, 215,

neiro, 65

TINTA FAURE

Perfeitamente Preta

Não é ácida.

Não enferruja os aparos,

que por êsse facto duram muito mais tempo.

Não cria bôrras

e por conseguinte não é preciso lavar os tinteiros periodicamente e perder tinta.

Seca quási instantaneamente

e evita o uso do mata-borrão.

Permite o uso de aparos ordinários nos stilógrafos evitando a compra dos aparos de ouro que são caríssimos.

Quando pelo facto de ausência a tinta seca no tinteiro, basta deitar água no dito tinteiro para tornar a ter a tinta perfeita.

DEITA-SE UM BOIÃO NUMA GARRAFA DE LITRO E ENCHE-SE ESSA COM ÁGUA

Tinta fixa cada boião para 1 litro de tinta

Tinta comunicativa ou stilográfica para 1 litro de tinta 8500

Pedidos às LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND 73. RUA GARRETT, 75 - LISBOA

Grip-fix

A COLA IDEAL

ACEIO — ECONOMIA — RAPIDEZ

É a cola mais económica em todos os sentidos e que se recomenda pelo aceio no seu uso.

É apresentada em lindos boiões de alumínio.



Cada boião substitui 5 frascos vulgares de cola líquida.

São elegantes e devem figurar sôbre tôdas as mesas de trabalho.

Não se entorna, é do máximo aceio no seu uso, colando imediatamente após a sua aplicação.

PREÇO: 9\$00

Unicos representantes para Portugal e Colónias:
AILLAUD, LIMITADA
73, RUA GARRETT, 75 – LISBOA